RESISTÊNCIA DOS INDÍGENAS À CONQUISTA E POVOAMENTO DA TERRA

A Guerra dos Bárbaros

CARLOS STUDART FILHO

"De tôdas as zonas do Brasil onde os autóctones repeliram longa e bravamente os assaltos dos conquistadores nenhuma apresenta tão grande resistência à invasão quanto o Nordeste". — Afonso de E. Taunay — *"Resistência à conquista do Nordeste"* —

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A guerra dos bárbaros, embora apresente, à primeira vista, aspectos e características de uma reação subitânea do ameríncola contra o esbulho dos seus naturais direitos de propriedade pelo colonizador, tem, na realidade, determinantes complexas e fundas raízes no tempo. Longa igualmente a lista dos seus antecedentes imediatos.

É tragédia que, derramada por sôbre o cenário amplíssimo do Nordeste Oriental, chãos baianos e piauienses, epiloga uma larga seqüência de dramas de incompreensão, violência e ódio, vividos por homens que jamais lograram alcançar, dos estrangeiros vorazes que lhes arrebatavam o solo por vêzes secularmente possuído, a benevolência de que tanto estavam a carecer.

Atritos e inimizades, entre brancos e nativos, vêm, pode dizer-se, da era dos primeiros reconhecimentos, quando sobrevieram contactos

mais demorados do alienígena peninsular com as praias ainda ignotas do nosso litoral.

Confiantes e trêfegos, na maioria, os brasilienses ripícolas do Atlântico acolheram, é certo, com demonstrações marcadas de simpatia, os navegantes que aqui aportaram e a quem haveriam, sem dúvida, na conta de sêres sobrenaturais, avantesmas surgidos no mar, caraíbas merecedores de acatamento e submissão. A cupidez dos recém-vindos e, depois, a ganância e brutalidade dos exploradores da terra nêles geraram, porém, desde logo, mágoas que os fizeram revéis (1).

Apenas os entretenimentos ocorridos no instante mesmo em que tocou o Novo Mundo a arma cabralina podem ser lìcitamente havidos por espontâneos e desinteressados.

A célebre Carta de Caminha — no pensar de alguns estudiosos, uma página riquíssima de etnologia porque consigna informações pormenorizadas sôbre os hábitos, costumes, vida e aspectos somáticos dos silvícolas brasileiros, e, no entender de outros, de pendores líricos mais acendrados, a "Àta veneranda do primeiro encontro da civilização européia com a rudeza selvagem dos íncolas brasileiros" ou "a certidão de batismo da nossa nacionalidade", — a Carta de Caminha, dizíamos, não permite dúvida a respeito da cordialidade dêsse encontro euro-sul-americano (2).

A lerda e insípida travessia por mares abertos e desconhecidos, cuja fama de tenebroso mal se dissipava, o contínuo insulamento das tripulações em barcos que, apesar de já não serem os pequenos *barinéis* do tempo do infante D. Henrique, eram ainda de fraca tonelagem e não lhes permitiam movimentos livres (3), e, sobretudo, a longa impossibilidade de privança de mulheres a lhes exacerbar os instintos

---

(1) Solicitados por Nóbrega, dir-lhe-iam, por isso, os Tamoio em Iperoig: "Fomos primeiramente teus amigos. Deixamos de sê-lo pela deslealdade e traição da tua própria gente para conosco". Apud Rondon — Prefácio ao livro "Índios do Brasil", de Lima Figueiredo. Rio, 1949.

(2) Ver a carta de Pero Vaz de Caminha, de 1º de maio de 1500, publicada pelo Visconde de Sanches e Baena, em "O Descobridor Pedro Álvares Cabral", memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa, 1897, carta por sua vez extraída da obra "Breve Notícia sôbre o descobrimento da América", de A. C. Teixeira de Aragão. Êsse documento tem sido reproduzido inúmeras vêzes. Assim, encontramos no "Brasil", de Antônio Zeferino Cândido. Corografia Brasílica, de Aires de Casal. Ed. da B. Nacional, 1947. Jaime Cortesão "Cabral e as Origens do Brasil", Ed. Ministério das Relações Exteriores — Rio, 1944, etc. etc.

(3) Do Capitânea, onde viajou, dizia Mestre João, em sua carta de 1º de maio de 1500: "Yo he trabajado algo do que he podido pero non mucho a calsa de una pyerna que tengo mui mala... e tanbyen a alsa de este navio ser mucho pequeno e mui carregado que non ay lugar para cousa ninguna".

primários da multiplicação, tudo, enfim, concorria para predispor os alienígenas às alegrias e encantamentos da sociabilidade descuidada.

Havia mais a férrea energia do Almirante e dos Capitães principais da expedição para guiar as ações de seus comandados no trato com as gentes da terra.

Por outro lado, o espetáculo, imprevisto e empolgante para o aborígene, da frota majestosa, chegando-se às praias, e a aparição fantástica de homens de vestes insólitas e armas desconhecidas, que a tripulavam, decerto falaram à sensibilidade do filho da terra, movendo-o a receber os intrusos com uma cálida manifestação de simpatia.

Refere, com efeito, o escrivão da feitoria de Calicut, o tão celebrado Pero Vaz de Caminha, que mal os navios lançaram ferro e Nicolau Coelho se foi em um batel sondar o rio em frente do qual ancorara a armada, a ver se está podia aí aterrar, logo acudiram às praias dezoito ou vinte nativos, trazendo nas mãos arcos e suas setas. Não vinham, porém, como a crueza da cena parecia sugerir, com intuitos agressivos, pois de pronto obedeceram ao aceno imperativo do chefe branco para deporem as armas (4).

Embora não houvesse falas, nem confabulações, aí mesmo se iniciaram os mútuos conhecimentos e as trocas de presentes. Deu o europeu ao índio um barrete vermelho e uma carapuça de linho, dêle recebendo um sombreiro de compridas penas de aves "com uma copinha de penas vermelhas e pardas como as do papagaio".

Essas relações amáveis prosseguiram sem resguardos e cada vez mais amenas à medida que se dilatava a permanência da frota em águas do Novo Continente.

Entre muitos fatos que evidenciam a grata convivência entre a maruja dos barcos e os ameríncolas, há que referir as "excursões em comum; europeus e gentios, dadas as mãos, caçando nas matas e vadeando os rios, como bons e leais camaradas".

O acatamento com que ouviram a missa com prédica, dita pelo Capelão da Armada, Frei Henrique, "em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que aí todos eram", não foi fruto apenas do deslumbramento causado pelo esplendor de cenas nunca vistas, mas uma demonstração de benévola simpatia e admiração espontânea que aquêles homens primevos votavam aos amigos estrangeiros.

Para continuar a obra de aproximação cultural tão bem entabulada, estudar as possibilidades da terra novamente descoberta e conhecer-lhe os problemas, foram deixados, no próprio local do desembarque, dois degredados que vinham na expedição itinerante para cumprir pena.

(4) "Brasil", Antônio Zeferino Cândido — Imprensa Nacional — Rio, 1900, pág. 186.

Nos chãos virgens da suposta Ilha de Vera-Cruz ficaram, outrossim, dois marujos imediatistas que, desprezando a miragem mirífica da Índia, amavio que no momento a todos empolgava, haviam sorrateiramente abondonado os postos na guarnição dos barcos.

Um documento do arquivo de Módena, citado por A. Prado, eleva um pouco mais o número de desertores, pois diz: "fugiorno cinque marinari dele nave del Re, et non volseno piu tornare in nave, et le restarno".

O comportamento dêsses relegados, face ao meio social onde se acolhiam, o valor do trabalho de aproximação, que realizaram, e o destino final são desconhecidos, exceto o de um que teria tido a ventura de tornar à pátria.

Não consta, pois, como se pretende, haverem logrado os intentos que animavam os descobridores, ao lançá-los às praias, desamparados e sem meios eficientes de defesa. Pode-se conjeturar hajam alguns influído benèficamente na marcha da colonização, ajudando, mais tarde, com sua experiência das coisas locais, os patrícios emigrados do Reino para aqui levarem a efeito a obra heróica de expansão do mundo lusitano; isso não passa, porém, de mero devaneio (5). .

x X x

A fase, que, no processo histórico-nacional, se segue à partida de Cabral no rumo do Oriente, é a do reconhecimento sumário da nossa fronteira marítima e dos escambos clandestinos; povoam-na "lendas aventurosas, próprias aos países primevos e sem história", dessas que,

(5) Houve, é certo, náufragos, exilados e desertores peinóis dos primeiros tempos, que aplacaram as iras e antipatias dos indígenas contra os brancos a êstes abrindo o nosso território ainda indevassado; nada garante, porém, fôssem êstes os heróis de tais façanhas.

Referimo-nos a Diogo Álvares, "personagem importante ainda em meados do século XVI", a cuja sombra tutelar tem início a Colonização da Bahia, a João Ramalho, que é apontado como o homem "que os colonizadores de S. Vicente vieram a encontrar com grande família patriarcal fundada entre índios e Antônio Rodrigues, casado com a filha do cacique Ururaí Pequerobi, de que descendem os Bueno de S. Paulo", a Cosme Fernandes Pessoa, o bacharel de Cananéia, e a tantos outros, como Francisco de Chaves, o grande língua que se prontificou perante Martim Afonso de Sousa a trazer do sertão infinitos indígenas carregados de metais preciosos se lhe dessem ajuda de homens avultados para a entrada.

Houve ainda aquêles que, ao invés de auxiliarem os patrícios, lhes causavam os maiores dissabores como êste Pedro Galego, homem de grande prestígio entre a indiada da costa leste-oeste, que teria sido o culpado das desventuras de Estêvão Fróis e sua viagem forçada pelos mares das Antilhas.

malgrado o vazio do contexto e de suas indicações, os espíritos fantasistas tanto se aprazem em relembrar e difundir.

Com relativa segurança sabe-se apenas que a costa, ao norte e sul do ponto tocado por Cabral, passou a ser freqüentada algum tempo depois que ao Velho Mundo chegaram notícias do Descobrimento.

Apura-se o fato "por passagens intercaladas em documentos das mais variadas procedências e o comprova o estudo das cartas geográficas da época, onde se vão ràpidamente precisando e completando os contornos indefinidos que apresentavam os primeiros mapas oficiais da Terra de Santa Cruz". Êle se colige "ainda por várias referências, que roteiros de certas viagens fazem a outras precedentes" e desconhecidas" (6).

A êsse tempo, pilotos adestrados e marinheiros práticos batem os mares a serviço próprio ou conduzindo as armadas reais portuguêsas em viagens de exploração, reconhecimento e comércio.

A terra brasileira, em grande parte esquecida da Côrte lusitana, torna-se palco da pirataria universal.

Como disse, em apertada súmula, um dos nossos professôres de história mais credenciados e o sabe tôda gente, especuladores franceses, alemães judeus, espanhóis e inglêses aqui aportam para o comércio ilícito com o gentio.

Navios corsários ou de simples contrabandistas, vindos dos mais diversos portos da Europa para correrias e aventuras pelos mares austrais, abicam para o Brasil, dão fundo em suas águas para refrescar ou nelas procurar abrigo contra as tempestades. Alguns tripulantes desembarcam e, dando-se bem com os indígenas, passam a viver à vontade em companhia dêles, e, porventura, de outros indivíduos da mesma origem, também egressos do convencionalismo e rigores da civilização ocidental para a existência sem peias nem constrangimentos entre aquelas agrestes criaturas. Alguns asselvajam-se por inteiro e, nivelados ao nativo, fazem perfurar os lábios, levados, decerto, pelo desejo de parecer garbosos aos olhos dos seus hospedeiros ocasionais (7).

"Neste Rio Grande, escreve o cronista Gabriel Soares, achou Diogo Pais, de Pernambuco, língua do gentio, um castelhano entre os Potiguares, com os beiços furados como êles, entre os quais andava havia

(6) Zeferino Cândido — op. cit., pág. 205.

Ver também Orville A. Derby — "Os mapas mais antigos do Brasil".

Rodolfo Garcia — "O Brasil e a cartografia do descobrimento", Revista Cultura, nº 6, ano IV, Rio, 1954, e, sobretudo, a coleção de mapas anexos ao trabalho de Rio Branco, sôbre a questão do Oiapoque e a monumental História da Colonização Portuguêsa.

(7) M. E. Gomes de Carvalho — "D. João III e os franceses", Lisboa, 1909.

muito tempo, o qual se embarcou em uma nau de França, porque servia de língua dos franceses entre o gentio nos seus resgates."

Os primeiros povoadores das nossas glebas litorâneas não foram certamente apenas homens oriundos da Península Pirenaica. Representando a pátria de origem, aqui haveria também, por essa época, renegados "bascainhos, genoveses, napolitanos, talvez mesmo orientais" porque as guarnições das naus de Portugal e Castela, que nos visitavam, não eram isentas de mescla racial. Constituíam-nas, com efeito, além dos filhos dos países de onde eram originárias, marinheiros de outras nacionalidades, atraídos para o mar pelo espírito de aventuras e lucros.

Entre os que se deixavam ficar em terras brasileiras, havia também franceses e dêsses os mais numerosos e diligentes eram, sem dúvida, os embarcadiços de S. Malo, Dieppe e Honfleur, também conhecidos na história sob a denominação genérica de intérpretes normandos.

"... os franceses, diz um cronista, alguns anos antes que se povoasse a Bahia, tinham comércio; e quando se iam para a França com suas naus carregadas de pau de tinta, algodão e pimenta, deixavam entre os gentios alguns mancebos para aprenderem a língua e poderem ser na terra, quando tornassem de França, para lhes fazer seu resgate; os quais se amancebaram na terra, onde morreram, sem se quererem tornar para a França, e viveram como gentios com muitas mulheres, dos quais, e dos que vinham todos os anos à Bahia e ao rio de Seregipe em naus de França, se inçou a terra de mamelucos, que nasceram, viveram e morreram como gentios; dos quais há hoje muitos dos seus descendentes, que são louros, alvos e sardos, e havidos por índios tupinambás, e são mais bárbaros que êles."

Na maioria dos casos, sem interêsse imediato na criação de grandes entrepostos de comércio, fortins e feitorias capazes de vida autônoma e de defesa eficaz contra os portuguêses, nem possibilidade econômica de o fazer, apelavam, ordinàriamente, os armadores gauleses para êsse tipo de intermediário, entre êles e o nativo e cuja manutenção pràticamente nada lhes custava (8).

"Além de serviço que prestavam às duas partes contratantes no ato das trocas, partidas as naus, começavam (os intérpretes) a aparelhar as mercadorias para a viagem seguinte.

Transportavam para os portos os toros de brasil, colhiam pimenta, de que as vêzes faziam roça, e algodão, preparavam peles, penas e todos os produtos de escambo e ensinavam os papagaios a falar francês,

(8) Os vestígios que D. Rodrigo de Acuña encontrou indicando a permanência de franceses na ilha de S. Aleixo, ou seja, na área onde realizavam seu mais intenso comércio, foram apenas restos de bolacha, anzóis e um fôrno de feitura européia, cousas evidentemente de muito pouca valia.

tudo para se fazer com presteza o carregamento da próxima embarcação, a qual anunciava a sua presença com tiros de peça.

Levando vida que melhor lhes aprazia, dispensavam, pois, aos contrabandistas que trafegavam entre portos da França e do Brasil, assistência comercial assídua e eficiente.

"A partir da época em que Denis de Honfleur, em 1508, e o pai do célebre Jean Ango conduziam suas equipagens para as terras quase desabitadas do Brasil, até a fundação do Salvador, em 1549, quantos homens ousados, diz-nos Gomes Carvalho, descuidando todos os perigos, foram aí buscar fortuna ou simplesmente viver na abundância, naquelas plagas favorecidas."

Quantos aventureiros, conduzidos por Guilherme de Testu, Barré, ou Jacques Sore, pretenderam recomeçar naquelas terras desconhecidas as maravilhosas aventuras dos conquistadores, que enriqueciam na outra costa (9).

x X x

Também os reinóis mantinham no país indivíduos encarregados de lhes facilitar a barganha e aproximá-los dos nativos.

Eram, na maioria, náufragos ou criminosos, "abandonados desapiedadamente nas praias", que, por solidariedade sentimental ou espírito de lucro, se punham a serviço dos interêsses mercantis dos seus rudes compatrícios. Havia ainda os desertores que acabavam constituindo pequenas colônias ao longo do litoral. O abandono das embarcações era, ao que parece, tão comum nos dias iniciais de nossa história que o govêrno lusitano chegou a alarmar-se. No regimento dado ao comandante da nau Bretoa se recomenda, com efeito, cautela ao abeirar-se da terra por causa da fuga da marujada.

À maneira dos franceses, exerciam as funções de medianeiros para o comércio dos produtos da terra; como êles, ajudavam os índios amigos na guerra contra desafetos ocasionais e contra os próprios inimigos e concorrentes de Portugal. Mais tarde, adormecendo suspeitas e fazendo calar ressentimentos dos chefes indígenas, tiveram atuação destacada na conquista e povoamento das costas levantinas da Colônia.

Já, então, assumira o missionário jesuíta seu papel eminentemente patriótico e cristão de chamar o gentio ao grêmio da Igreja e despertar nêle a confiança nos bons propósitos dos dirigentes lusitanos.

OS PRIMEIROS ESCRAVOS

Os produtos nativos, particularmente o pau-brasil, eram, nesses recuados tempos, vistos com avidez pelos arrendatários e contratado-

(9) M. E. Gomes de Carvalho, op. cit.

res oficiais que para cá mandavam os seus agentes a fim de conseguí-los. Cobiçavam-nos, outrossim, os traficantes de outras raças e procedências que chegam ao Brasil nascente para disputá-lo ao reinol.

De envolta com madeira de menor valia, peles silvestres e novelos de algodão, toros da preciosa ibirapitanga enchem, assim, o bôjo dos galeões e bergantins que velejam pesadamente a caminho da Europa, levando a sobrecarga bulhenta e irrequieta de bugios, araras, papagaios e periquitos.

Incessantemente procurados em França, "as belas araras de plumagem azul e vermelha, de que tôdas as grandes damas pretendiam ornamentar seus viveiros", os papagaios "de alegres penas que o luxo espalha até na habitação de simples burguesia", e os bugios, "destinados a alegrar o castelo feudal do gentil-homem camponês", contribuíam também sobremaneira para aumentar a prosperidade dos traficantes. Iriam ainda contribuir para incrementar a fama das nossas galas e riquezas, movendo para os chãos do Brasil ondas cada vez mais volumosas de flibusteiros e contrabandistas.

Nos soturnos veleiros portuguêses ouvem-se, outrossim, de quando em vez, o vozear dos indígenas subjugados. É a prova viva de que, já àquela época, os seus tripulantes negociavam com escravos vermelhos e deixavam na terra desafetos e ressentimentos.

Só a nau *Bretoa*, de Fernando de Noronha e outros associados, carregou para o Reino, conforme sabemos, cêrca de quarenta índios cativos. Ora, isso faz perceber de modo claro que, logo às primeiras tentativas de ocupação da zona litorânea pelos portuguêses, surgiram e se multiplicaram os choques entre êstes e os aborígenes, pois não é de crer, dada a índole escravista do nosso colonizador, que todos fôssem produto de resgate.

A "Nova Gazeta Alemã", documento redigido, segundo tôda a evidência, na Ilha da Madeira, pelas alturas de 1515, alude a mais um transporte de escravos ameríncolas, para Portugal. Realizou-o certo navio chegado àquela ilha no ano anterior. Explica, todavia, o documento, que eram, em maioria, jovens cujos pais, desejosos de os fazerem alcançar a terra da promissão, os haviam inadvertidamente entregue à guarda dos marinheiros.

"Sob a coberta do navio está carregado de pau-brasil e na coberta *cheia de escravos*, rapariguinhas e rapazinhos. Pouco custaram aos portuguêses, pois *na maior parte* foram dados por livre vontade, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a terra da Promissão (10)."

Como quer que seja, por êstes motivos ou por outros ainda não bem esclarecidos, desde cedo acenderam-se nos indígenas ódios vio-

(10) A "Nova Gazeta Alemã", Ed. Record. — Rio de Janeiro, s/d.

lentos contra os portuguêses, ódios cujos ressaibos jamais se lhes apagariam da memória, transmitidos que foram, de geração em geração, como herança maldita.

Almeida Prado, estudando os primórdios de nossa formação étnica e social, em erudito trabalho a que denomina "Primeiros Povoadores do Brasil", deixa perceber que o fracasso dos raros núcleos de povoamento, feitorias e capitanias, plantados entre 1501 e 1530, ao longo da costa, teve, como determinante principal, as hostilidades movidas contra êles pelos franceses, de parceria com as tribos *tupinambás*.

"Assaltadas pelos silvícolas em rebeldia ou enfraquecidas por desavenças e dissenções, dos próprios reinóis, convidados ao êxodo das regiões, onde não encontrariam de começo vantagens cobiçadas, as povoações, empreendidas pelos donatários, fracassaram em maioria."

Aliás a opinião de qua a aliança galo-indígena acabaria por lançar os portuguêses fora do Brasil era geral no país e se espelha na carta que, da vila de Santos, Luís de Góis, irmão do donatário Pero de Góis, ousou escrever a D. João III, a 12 de maio de 1548.

"Peço a Vossa Alteza que, com sua costumada clemência, queira perdoar meu atrevimento e receba em serviço minha vontade e digo mui alto e mui poderoso que, com tempo e brevidade, Vossa Alteza não socorrer estas capitanias e Costa do Brasil, que ainda que nos percamos a vida e fazendas Vossa Alteza perderá a terra que nisto perca pouca aventura a perder muito porque não está mais de serem os franceses senhores dela, que em se acabarem de perder estas capitanias ficam de ter êles em pé no Brasil hei medo adonde quererão e podem ter o outro."

"Eu quisera antes dizê-lo em pessoa tão perigosa está a costa que não sei esta carta que fim haverá, dous anos a esta parte vêm sete naus (francesas), cada ano ao Cabo Frio e Rio de Janeiro." (11)

Era a natural reação do índio contra a felonia dos reinóis que tão desassombradamente lhes roubaram a liberdade e a vida. (12)

x X x

O processo usado pelos lusitanos para fundarem colônias nas terras dos indígenas já não constitui mistério. Conhecemo-lo, grosso modo, graças ao depoimento prestado, perante seus irmãos de sangue,

(11) Inserta na História da Colonização Portuguêsa do Brasil. Vol. III, apud V. Corrêa.

(12) A 1a. leva de gentios escravos para o Reino parece ter sido realizada por Jorge Lopes Bixorda que, segundo Damião de Góis, presenteou a D. Manuel com índios chegados do Brasil, em 1513.

por um tupinambá foragido de Pernambuco para as costas maranhenses. Êste homem afirmava ao senhor de Vaux ter assistido "às várias peripécias da ocupação européia, desde a chegada pacífica dos portuguêses naquela região até o período de caça aos escravos".

Seu depoimento é consignado pelo Pe. Cláudio d'Abbeville nos têrmos seguintes:

"I ay veu (dizia) l'establissement des Pero à *Fernanbourg & Potyiou* lesquels ont commencé tout ainse que vous autres François vous faites maintenant. Au commencent les Pero ne faisoient que traffiquer avec eux sans se vouloir autrement habiteur. Et en ce temps là, ils couchoient librement avec leurs filles, ce que nos femmes de *Fernanbourg* et *Potyion* tenoient à grand honneur.

Après, ilus dirent qu'il leur était besoin de faire des forteresses pour les garder, et bastian des villes pour demeurer tous ensemble faisant paroistre qu'ils ne désiroient estre que une même nation. Du depois ils leur firent, entendre, qu'ils ne pouvoient prendre leurs filles en cette sorte, que Dieu leur deffendoit de s'en servir sinon par mariage, et aussi qu'ils ne devoient se marier avec elles, si elles n'estoient baptisées, et pour ce qu'il estoit nécessaire d'avoir des *Pay*.

Ils firent donc venir des *Pay*, lesquels plantèrent des Croix, commencèrent de les instruire et puis les baptiser. Davantage ils leur persua dèrent si bien qu'ils ne pouvaient se passer d'esclaves, ni les *Pay* aussi, pour faire leur mensage et travailler pour eux, qu'on fut contrainet de leur en donner. Et non content des esclaves qui estoient pris à la guerre, ils voulurent encore avoir leurs enfans, si bien qu'en fin ils captivèrent toute la nation avec tant de tyrannie et de cruauté qu'ils exercoient continuellement sur nos semblables, que la plupart de ceux qui sont resté, out été contraincts aussi bien que nous de quitter le pays."

FRANCESES E PORTUGUÊSES

Nesses idos, já se haviam claramente evidenciado as preferências dos grupos aborígenes pelos aventureiros das duas nacionalidades rivais, que freqüentavam com maior assiduidade o nosso praial oceânico.

Os gauleses, a quem o gentio chamava *airuruiuba*, papagaio amarelo, ou mais comumente *mairs* (13), eram, de ordinário, habilidosos e afáveis de trato e, por isso, fàcilmente se acomodavam com os filhos do país, fazendo, entre êles, amigos numerosos e prestadios (14).

(13) No conceito de Cândido Mendes, mair significa ser de origem superior e veneranda — Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Brasil — 1879.

(14) J. Ribeiro, "História do Brasil", Rio de Janeiro, 1957.

Frisa o historiador Gomes Carvalho que, desde o Cabo de S. Roque até o Cabo de S. Agostinho, no período que nos ocupa, "eram suas embarcações acolhidas na terra e, quando salteadas por portuguêses, metiam-se os seus tripulantes nas brenhas, seguros da hospitalidade generosa das Tabas. Odiando o português tanto como o indígena, prestavam a êste o concurso de suas fôrças contra o inimigo comum e com êle assolaram muitas capitanias."

Há ainda notícias dêles mercadejando no litoral da Bahia e até em águas situadas bem mais para o Meio-Dia. Na costa baiana surpreendeu Cristóvão Jacques, em 1526, a corsários franceses a quem derrotou e nas vizinhanças do rio S. Francisco, por duas vêzes, a nau de D. Rodrigues de Acuña se viu por êles atacada.

O protestante Crispin alude, na *Histoire des Martirs*, à presença de normandos no Rio de Janeiro, em 1525, aliados aos indígenas do lugar, com quem mantinham relações amistosas (A. Prado).

Os peros ou portuguêses, ao contrário, eram de poucas amizades; cônscios dos direitos senhoriais sôbre as regiões cuja existência haviam revelado, pouco diligenciavam por merecer as boas graças dos íncolas. Daí os especuladores vindos do Reino, para o tráfico das riquezas locais, contarem menores simpatias no seio das comunidades nativas, derramadas pela costa, embora nelas dispusessem alguns de fortes aliados.

Justificando, canhestramente, a atitude intolerante e molesta dos descobridores, no tocante ao ameríndio, escreve o escritor Gomes de Carvalho: "o português quéria explorar o Brasil como proprietário, para o que se tornava necessário a sujeição, voluntária ou forçada, do índio ao seu poder; era o conquistador o senhor absoluto". E acrescenta: "ainda hoje, nas possessões africanas, o europeu não tem de si outra concepção, nem procede de modo diferente" (15).

"O francês, que ora contesta, ora admite o domínio de Portugal, consoante as conveniências do momento, desejava apenas trocar os seus produtos pelos da terra; o indígena era, pois, seu igual, o freguês a quem convinha agradar."

Fôsse, porém, como fôsse, a verdade é que se outra e mais huma-

(15) As palavras de Gomes de Carvalho, que tão bem retratam a maneira primária pelo qual o homem da Península Pirenaica sempre encarou o problema da colonização das terras americanas, aplicam-se, é verdade, à política colonial de outros povos europeus não ibéricos notadamente franceses, holandeses e quiçá inglêses que exploram suas possessões africanas como proprietários, para isso escravizando o nativo. Todavia, tal procedimento sempre acendeu revoltas e acabou gerando a repulsa que ora explode, em represálias dos perseguidos contra os seus antigos escravizadores, e ameaça a apear o branco da posição de leader que ocupa desde o advento da civilização greco-romana.

na houvesse sido a política colonial lusitana no setor das relações com o indígena, menos sangrenta, por certo, a reação dêste e menos hedionda, quiçá desnecessária, a guerra de extermínio movida, contra êle, pelos brancos no curso da colonização.

Quais seriam, porém, verdadeiramente, os motivos de se unirem uns grupos aos franceses e outros aos portuguêses?

Não se pode negar que numerosos fatos provocaram semelhante estado de coisas; que as diligências levadas a cabo nas primeiras décadas do século XVI pelos viajantes e colonos de ambas as nacionalidades, visando a aliciar em proveito próprio e de seus compatrícios as massas aborígenes, tiveram certo relêvo na gênese das predileções que os gentios mostravam por êste ou aquêle dos dois povos europeus que, como se disse, mais obstinadamente disputavam a posse do nosso país.

De muito maior pêso e importância, no caso, foram, porém, as circunstâncias históricas que então envolviam os nossos índios, regulando-lhes as reações e atividades e levando cada tribo a buscar aliados entre representantes dos dois campos antagônicos.

COMO SE DISTRIBUÍRAM OS GRUPOS INDÍGENAS AO LONGO DO NOSSO LITORAL

Quando os primeiros europeus chegaram ao Brasil, era a terra dominada por hordas incultas e bravias, levando a existência em pequenas comunidades por fôrça de sua economia preponderantemente extratora.

A ciência moderna, fundando-se no estudo das peculiaridades culturais dos diferentes conjuntos humanos que aqui viveram e no exame estrutural de seus inúmeros dialetos, "conseguiu agregá-los em grupos mais ou menos conexos entre si" e reuni-los, depois, em limitado número de famílias etno-lingüísticas autônomas. Destas, uma chamada *tupi* habitava a faixa litorânea de onde havia recalcado para o interior as tribos contrárias de outra grande família indígena, a *Jé* ou *Tapuia* (16). Idêntico destino haviam os tupi imposto a certos gentios de filiação lingüística ainda hoje incerta, como os *Garulho, Gualacho* e *Maramoni,* êstes velhos senhores das praias vicentinas onde eram amiúde assinalados à pequena distância de Bertioga, e aos *Cariri,* antigos

(16) Partindo do princípio, formulado por Martius e divulgado por Enrenreich, segundo o qual se deve considerar a pátria de origem de um povo os lugares em que seus componentes humanos apareçam nos estágios inferiores de desenvolvimento cultural, o centro da irradiação dos Jé seriam "as matas da cordilheira marítima do Brasil às proximidades do rio S. Francisco".

moradores das costas baianas e pernambucanas. Repelidos para o sertão, os *Cariri* iriam aparecer aos primeiros sertanistas, ocupando a retro-terra brasileira desde o Paraguaçu e rio S. Francisco até o Parnaíba. Serras do Ceará e da Paraíba, lhes conservando o nome, atestam a sua antiga presença nessas unidades federadas. Firmados em seus novos domínios, resistiriam com tenacidade à invasão dos europeus, particularmente no vale do grande Rio dos Currais, onde os missionários conseguiram aldear a muitos e os bandeirantes exterminar os mais rebeldes.

No início da colonização, encontrava-se, pois, o nosso praial oceânico em grande parte sob a sujeição recente dos *tupi*, povos que, além de falarem a mesma língua, tinham costumes e crenças semelhantes e também idêntica origem racial. Escalonados, debaixo de várias denominações, desde a foz do Jaguaribe até os limites meridionais da terra de Sta. Ana, distribuíam-se, segundo indicações de Fernão Cardim, Gabriel Soares e outros, da maneira seguinte:

Entre o baixo S. Francisco e Camamu habitavam os *Tupinambá*, pròpriamente ditos; mais para o meio-dia, dominando a beira-mar e parte do sertão daquela baía até Caravelas, em território portanto das capitanias de Ilhéus e Pôrto Seguro, espraiavam-se os *Tupiniquim*. Foram os primeiros nativos a travar relações amistosas com os portuguêses. Ajudaram os marujos da frota cabralina a erguer a cruz e assistiram, curiosos e surpresos, à missa dita por Frei Henrique de Coimbra.

No Espírito Santo tinham morado os *Temiminó* ou *Tomiminó*, auxiliares prestimosos dos portuguêses no início da colonização.

Era *Temiminó* o célebre Martim Afonso Araribóia (17).

No sul da Capitania de Vasco Fernandes Coutinho, viviam os *Goitacá* ou *Waitacá*, também chamados *Quetacá*, por Jean de Lery (18), indígenas que os descobridores encontraram ainda no baixo Paraíba e cujas terras alcançavam as alturas do cabo de S. Tomé (19).

Estas gentes receberam do aventureiro francês o qualificativo, sem dúvida honroso para êles, de selvagens belicosos, extravagantes e avessos a tôda amizade. Foi primeiramente incluído pelos estudiosos no rol dos *Jé*.

---

(17) Sôbre os silvícolas, consulte-se também "Indicação das tribos indígenas no Estado do Espírito Santo", in "Ensaios de Sociologia, Etnografia e Crítica", pág. 123, e segundo o Desembargador Afonso Cláudio. Ed. Vozes de Petrópolis, Rio, 1931.

(18) "Le voyage au Brésil de Jean de Lery (1556-1558) avec une introduction de Charly Clerc". Ed. Payot, Paris, 1927.

(19) Quetacás sauvages si farouches et etranges que comme ils ne peuvent demeurer en paix l'un avéc l'autre aussi ont-ils guerre ouvert et continuelle tant contre tous leurs voisins que généralmente avec tous les étrangers.

Seu falar mostra, porém, na contextura, tão raras e problemáticas consonâncias com os idiomas dêsse povo, que deve, segundo a opinião de Ehrenreich, ser considerada uma família à parte na lingüística sul-americana.

Senhoreavam o último trecho da costa fluminense, o litoral e a parte levantina do planalto paulista outras hordas *Tupinambá,* cujas terras, indo além, alcançavam as cercanias da vila de S. Sebastião. Os portuguêses chamavam *Tamoio* a êsses indígenas que tão fielmente serviram aos desígnios imperialistas dos franceses, levando suas correrias até a Bertioga. Seguiam-se-lhes, novamente, hordas *Tupiniquim,* que se haviam apossado do trecho situado entre aquela ilha e Cananéia. Vinham, finalmente, os *Carijó* ou *Guarani,* cujos domínios, espraiando-se sôbre o litoral paranaense, chegavam, segundo uns, às alturas da ilha de Santa Catarina e, segundo outros, à Lagoa dos Patos, onde confinavam com os Tapes.

Nos bordos da reentrância que forma, ao norte, a parte mais recôndita do contôrno guanabarino e nas ilhas próximas, ocultavam-se os *Maracajá.* Chamados *Margaia,* por Lery, *Margegéa,* por Thevet, ou, ainda, *Markaya,* por Hans Staden, eram grandes amigos dos portuguêses (20).

Do rio S. Francisco para o norte, até às vizinhanças de Itamaracá, ia o domínio dos *Caeté,* gente tida nos anais da terra por audaz e indomável; dessa ilha até a margem direita do Paraíba do Norte, espalhavam-se os *Tabajara,* cuja índole, no dizer de vários historiadores, seria mais branda do que as dos seus vizinhos do sul.

Índios *tabajaras* seriam, mais tarde, encontrados pelos colonizadores vivendo nas rechãs setentrionais da Ibiapaba. A posse dêsse território êles haviam conseguido através de sucessivas migrações, ocorridas, ao que tudo indica, em tempo posterior ao descobrimento do Brasil. A nesga de terreno sujeita às suas armas estendia-se até às proximidades do atual pôrto de Luís Correia, sendo as aldeias que habitavam numerosas e vastas (20).

---

(20) Sôbre índios maracajá, redigiu o prof. Estêvão Pinto a seguinte erudita nota com que ilustrou a tradução que fêz da obra de frei André Thevet, intitulada "Singularidades da França Antártica": "Os maracayás, por outra forma maracajás, habitavam os fundos da baía de Guanabara e para os lados do Espírito Santo, sendo inimigos dos tupinambás, ou tamoios. No mapa de Staden (p. 120), 1º estão localizados os maracayás. No mesmo modo na carta de Thevet, Isle de Margaiatz. Afirma Lery que os maracayás também se chamavam Tou-aiat (p. 359) — Devem pertencer a um dos numerosos grupos de tupiniquins e, segundo a observação de Plínio Ayrosa (Lery, pág. 37, nota à bras. da Livraria Martins, coleção dirigida por Rubens Borba de Morais), eram provàvelmente o mesmo "gentio do gato do qual nos fala Nóbrega".

Do rio Paraíba às margens do baixo Jaguaribe, no Ceará, ocupando uma faixa que, na opinião de J. Coriolano de Medeiros, não excedia de 20 léguas de largura, corriam os chãos palmilhados pelos *Potiguar*, tribo indígena filiada à nação tupinambá.

Na hinterlândia, mantendo ou não contatos eventuais com as praias oceânicas, comprimiam-se também grupos copiosos de gentios, uns, tangidos definitivamente da beira-mar, outros, prontos a investi-la, logo que as condições se fizessem propícias. No número dêstes devem figurar, em primeiro plano, os famosos *Aimorés*, amiúde citados nas crônicas antigas e, por vêzes, impròpriamente chamados *Botocudos*.

Vagavam na zona intermediária entre a costa e o sertão, pelas capitanias de Ilhéus, Pôrto Seguro e Bahia. Ainda há bem poucos anos, existiam, como fracos resíduos, indígenas dessa parentela morando nas matas serranas de Minas Oriental, Espírito Santo e Bahia.

Há ainda que destacar os *Amoipira*, dos sertões do S. Francisco, e os *Tupinae*, ou *Tupina*, que se mantinham um tanto afastados das praias setentrionais do Recôncavo, entre Bahia e Alagoas (21).

Viviam, ainda, já agora em terras paulistas, talando os campos de Piratininga, os *Goianá*, cujo nome aparece nos velhos documentos modificado para *Guaianá*, *Guanhanã*, *Goianazes*, etc..., e cuja ligação etno-lingüística permanece duvidosa, malgrado o muito que se tem escrito sôbre êles (22).

Aires do Casal, em Corografia Brasílica, II, pág. 178, localiza êsse gentio entre o S. Francisco e o rio Paraíba, o que é perfeitamente aceitável, tendo-se em vista que os Tabajara viviam afastados do litoral. Anchieta não menciona os Tabajara em "Primeiros Aldeamentos no Brasil".

---

(21) Para maiores detalhes sôbre indígenas dos sertões da Bahia, consultar o trabalho de Inácio Acióli de Cerqueira e Silva, intitulado "Dissertação Histórica, Etnográfica e Política sôbre quais as tribos aborígenes que habitavam a província da Bahia...". Bahia, 1919.

(22) O Prof. Egon Schaden, dos que mais modernamente abordaram o interessante tema, afirma, "que o exame e o confronto da documentação existente leva a admitir, com bastante segurança, que o nome Goianá se aplicava aos próprios tupiniquim, opinião, aliás, cara aos paulistas. Sôbre o problema Goianá, consultar Capistrano de Abreu — "Os Gualanazes de Piratininga", artigo do "Jornal do Comércio", do Rio, em 25 de Janeiro de 1917, e reproduzido no livro "Caminhos antigos e povoamento"; ler também os escritos de Afonso A. de Freitas, insertos na Revista do Museu Paulista e Revista do Instituto de S. Paulo e Nelson Coelho de Senna — "Os índios do Brasil", Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Geografia, Rio, 1911.

Há, ainda, que consultar a memória publicada por Teodoro Sampaio, na Revista do Museu Paulista, 1898.

A migração dos *Carijó* teria sido a mais antiga; vindo depois a dos *Tupiniquim* e, por fim, a dos *Tupinambá*.

Quando da chegada dos brancos ao nosso praial oceânico, êstes indígenas já haviam desapossado muitos grupos *Tupiniquim* de suas terras ribeirinhas do mar, repelindo-os para o sertão. Assim sucedeu, como se viu, "no Rio de Janeiro, na *Baía de Todos os Santos,* e ao norte de Pernambuco; em parte de S. Paulo, em Pôrto Alegre, Ilhéus e, na proximidade de Olinda..." "havia, entretanto, *Tupiniquim* habitadores do litoral" (23).

x X x

Não eram, porém, apenas as guerras de larga envergadura feridas entre hordas *Tupinambá* e *Tupiniquim* e as que extremavam estas e seus rivais *Carijó* a ensangüentarem a nossa faixa litorânea, quando aportaram ao Brasil os primeiros europeus. Encontros armados, surgidos não raro de rixas minúsculas, ocorriam também com freqüência entre tribos gentílicas da mesma parentela e até no seio destas, enfraquecendo-as numèricamente e levando-as, não raro, às fronteiras do aniquilamento total.

As crônicas da Bahia conservam a triste memória dos embates cruentos havidos entre cabildas *tupinambá,* que viviam nas terras onde hoje assenta a cidade do Salvador, antigos domínios dos *maracajá,* e aquelas do mesmo sangue, moradoras na costa fronteira do Recôncavo.

Essas lutas fratricidas que iriam facilitar, de certo modo, a fixação na terra dos lusitanos, não tinham apenas o inconveniente natural de debitar os grupos rivais, expunha-os às investidas de seus inimigos, que estas circunstâncias de momento faziam mais fortes. O aniquilamento da resistência dos gentios praieiros favorecia, outrossim, o refluxo para o litoral de tribos que dêle já haviam sido tangidas e daquelas que vagavam pelo interior em plena expansão de seus pendores nômades e conquistadores (24).

---

(23) Capistrano de Abreu — "Capítulos de História Colonial" (1500-1800), Ed. Sociedade Capistrano de Abreu. Rio, 1934.

(24) O quase aniquilamento dos gentios de Paraguaçu, pelos portuguêses, facilitou, como é sabido, a descida às praias baianas dos terríveis Aimorés.

"A marca ou comarca do gentio de língua geral, mais ou menos dútil, mais ou menos assimilável (quase exterminado por Mem de Sá) foi, diz-nos o mestre cearense, substituida por tapuias irredutíveis que ela detinha". "Já no livro de Gandavo, prossegue, se lê que os Aimorés passaram de Pôrto Seguro e Ilhéus para o norte, tudo devastando, iludindo quaisquer ataques escondidos nas matarias, por trás de paus, expediam invisíveis flechas mortíferas. Ao terminar o século, na administração interina de Álvaro de Carvalho, enquanto D. Francisco de Sousa percorria as capitanias de baixo, beiravam êles. o Paraguaçu".

Deve-se mencionar, também, as tribos da família Puri-Coroado, embora para nós de muito menor interêsse histórico. Seus domínios patrimoniais estendiam-se, segundo Ehrenreich, do rio Paraíba do Sul até o Doce e alcançavam ao oeste o declive da planície de Minas Gerais.

Almeida Prado lembra, por sua vez, que, no tempo de Martim Afonso, havia, na retro-terra brasileira, estendendo-se do Paraguai ao sul da Bahia, uma sucessão de tribos, a maior parte aparentada entre si, cujos nomes começavam pelo prefixo Gua, ou sejam *Guaná* e *Guaicuru*, no Paraguai; *Gualacho*, no Paraná; *Guaiana*, *Garulho* e *Guaramoni*, em S. Paulo; *Guaitacá*, no Rio de Janeiro e Espírito Santo, e *Guaimoré*, na Bahia.

ÍNDOLE AMBULATÍCIA DO SILVÍCOLA

O estudo das complexas condições de existência do selvagem brasileiro dos primórdios do século XVI mostra que eram, de certo modo, nômades e insubmissos. Viviam assaltando e matando os seus contrários e saqueando-lhes os haveres.

Os gentios praianos atravessavam, pois, uma era de deslocamentos a longa distância e estavam em maré de luta.

Os tupis caminhavam, em massa, do Sul para o Norte, subindo o litoral sob o influxo de causas não perfeitamente determinadas, embora se afirme com visos de verdade que tais migrações eram, na maioria dos casos, ditadas por motivo de fundo eminentemente religioso. Pretendiam atingir a Terra Sem-Mal, onde não haveria morte nem padecimentos.

Na realidade, a ânsia de um mundo melhor sempre atormentou os nossos aborígenes. Antes mesmo de haverem entrado em contacto com o europeu e dêle recebido nova carga de crendices e abusões, já sentiam o fascínio desta idéia que parece capaz de germinar apenas na mente dos povos ditos civilizados (25).

Mais tarde, propeliu-os o desejo de escapar à servidão que lhes pretendiam impor os descobridores da terra e, naturalmente, também, a natureza belicosa e andeja da raça que, de ordinário, lhe governou o destino e os passos.

Ao se deslocarem, entrechocam-se as tribos, lançadas umas contra as outras por conflitos momentâneos de interêsses ou por fôrça de antagonismos seculares. Os tupis orientais, que, segundo Capistrano de Abreu, teriam alcançado o litoral em três levas sucessivas, viviam, em virtude mesmo da diferença de época em que ocorreram essas migrações, divididos por ódios inconciliáveis em três grupos antagônicos. Chamavam-se *Carijó*, *Tupiniquim* e *Tupinambá*.

(25) O fato é, aliás, claramente evidenciado no trecho da "Nova Gazeta Alemã" anteriormente citado a propósito da escravização dos nossos silvícolas.

ALIENÍGENAS EUROPEUS E AMERÍNCOLAS NORDESTINOS

"As grandes nações indígenas, observa Diogo de Vasconcelos (26), passaram, como estavam divididas, ao novo campo das batalhas, seguindo cada uma parte européia que lhes convinha. Os *tupinaki* e os *tapuia,* inimigos dos *carijó* e dos *tupinambá,* uniram-se aos portuguêses, inimigos dos espanhós e franceses. Os *carijó* das praias foram, por isso, amigos dos espanhóis, e os *tupinambá* dos franceses.

No Nordeste, enquanto os *Tabajara* ficavam com os lusitanos, os *Potiguar* se faziam também amigos dos gauleses a quem serviriam com lealdade e constância. Em meio desta abundante gentilidade iriam aquêles intrusos firmar, impelidos pela identidade de interêsses políticos e mercantis, numerosas alianças de sangue.

Essa parcialidade, prolongando-se no tempo, haveria de fazer malograr numerosas tentativas de colonização levadas a efeito pelos reinóis nas costas nordestinas, aniquilando os núcleos demográficos por êles plantados naquelas terras litorâneas.

No Ceará e regiões vizinhas, os primeiros contactos entre viajantes europeus e nativos aí radicados não foram também, de ordinário, muito cordiais.

A Pinzon, que visitou nossa costa leste-oeste meses antes de Cabral tocar os chãos levantinos do Brasil, e a seus companheiros de travessia, sucedeu, segundo cronistas espanhóis bem informados, "sanguinolenta aventura com os seus selvagens que se lhes antolhavam grandes e fortes como germanos".

No correr do tempo, amainaram, ao que tudo indica, os gerais sentimentos de repulsa dos filhos do país contra os alienígenas vindos do mar.

Muitos se fizeram até amigos e parciais dos traficantes franceses e holandeses, que, não obstante a pobreza da terra e suas asperezas, a visitavam para o exercício de seu criminoso ministério.

Dos portuguêses, porém, sempre se mostraram inimigos implacáveis.

É certo que veleiros dessa nacionalidade, já em fins do século XVI, davam fundo em águas cearenses a fim de nelas desembarcar negociantes que vinham comerciar com os indígenas. Permutavam o *âmbar gris* — produto natural então muito abundante na terra e de alto preço, nas feiras do Velho Mundo — pelas manufaturas de pouco

(26) Diogo de Vasconcelos — "História Antiga de Minas Gerais", com introdução de Basílio de Magalhães. Ed. Imprensa Nacional — 1948. Ver também Manuel Diégues Júnior — "Etnias e culturas no Brasil". Coleção "Vida Brasileira" — Rio de Janeiro, s/d.

valor que traziam do além-mar. Findas as barganhas, no correr das quais o nativo era sempre a parte lesada, retornavam êles por terra a Pernambuco (27).

O fato de assim peregrinarem os lusitanos, sem grande aparato militar, por léguas e léguas do nosso praial oceânico, sugere que tal faziam por se sentirem em perfeita segurança naquele trecho do país, segurança que, naturalmente, decorreria de estarem em boas relações com os indígenas locais. A hipótese é verossímil, embora contra ela deponham os fatos subseqüentes.

Que a animosidade dos aborígenes cearenses contra o colonizador lusitano continuava viva, quando ocorreram os primeiros ensaios de ocupação da terra, não há como duvidar. Atestam-no o fracasso da expedição desbravadora de Pero Coelho, em 1603-1604, e os trágicos sucessos de 1607, quando os Padres Figueira e Francisco Pinto vieram tentar a conversão das nossas gentilidades.

Ao tempo das Capitanias, ou seja, a partir de 1534, com o aumento de volume das correntes migratórias que derivavam para o Novo Mundo e, depois, já na fase da plena expansão colonizadora, quando as relações entre reinóis e ameríncolas se amiudaram, mais se exacerba igualmente a mútua repulsa.

ESCRAVIZAÇÃO E MORTALIDADE DOS NATIVOS

Após terem, à maneira de tantos outros europeus, ludibriado o silvícola, induzindo-o, com a ajuda de avelórios e pechisbeques de ínfimo valor mercantil, a derrubar paus de tinta e outras madeiras de lei e a conduzi-los em toros às feitorias litorâneas; depois de, pràticamente, obrigá-los a ceder-lhes, por nonadas, os produtos de sua pobre indústria e incipiente granjearia, os reinóis passaram a ver nêles meros instrumentos de produção, animália que se caça no mato, préia, sevicia ou extermina livremente.

Refere o Pe. Simão de Vasconcelos "que os índios da América não eram tratados como verdadeiros homens. Que podia tomá-los para si qualquer que os houvesse e servir-se dêles da mesma maneira que de um camelo, de um boi ou de um cevado; feri-los e maltratá-los".

O sistema de relações do colonizador com os aborígenes passou, pois, a ser, conforme argutamente observa outro historiador, o de senhoriagem, exercido em crescente crueldade, à proporção que os infelizes desconfiados começavam a fugir e a odiar os colonos.

O donatário e seus acompanhantes, que haviam carecido da ajuda

(27) Carlos Studart Filho, "Páginas inéditas de história colonial", em Revista do Instituto do Ceará. Tomo LI. Ano LI. Pág. 309 — Fortaleza, 1937.

de certos grupos nativos para se firmar na terra, necessitam, agora, do seu trabalho pertinaz e sempre crescente para transformar os pequenos núcleos demográficos, que criara, em colônias agrícolas de grande produção. Precisavam fundar engenhos e *banguês* e explorar a terra; numa palavra, movimentar e valorizar as suas imensas e ricas donatarias que, partindo das praias atlânticas, abriam-se para os amplos sertões desconhecidos, onde, muito ao longe, corria a vaga e imprecisa lindeira do ajuste tordesiliano. Não viam, pois, para isso, melhor solução que escravizar o indígena em largas proporções.

Para se ter uma sucinta idéia do espantoso número de ameríncolas privados violentamente de suas liberdades nos inícios do povoamento e daqueles que pereciam em conseqüência das doenças, canseiras, trabalhos e maus tratos que lhes infligiam os colonos, basta recordar as seguintes palavras, a um tempo revoltadas e comovidas, do Pe. José de Anchieta ("Primeiros aldeamentos na Bahia", Rio, 1946):

"A gente, que de vinte anos a esta parte (1583) é gastada nesta Bahia, parece cousa que se não pode crer; porque nunca ninguém cuidou que tanta gente se gastasse nunca quanto mais em tão pouco tempo; porque nas quatorze igrejas que os Padres tiveram se juntaram 40.000 almas, estas por conta, e ainda passaram delas com a gente com que depois se forneceram, das quais se agora as três igrejas que há tiveram 3.500 almas será muita."

"Há seis anos que um homem honrado desta cidade, e de boa consciência e oficial da Câmara que então era, disse que eram descidos do sertão de Arabó, naqueles dois anos atrás 20.000 almas por conta, e estas tôdas vieram para as fazendas dos portuguêses. Estas 20.000 com os 40.000 das igrejas fazem 60.000. De seis anos a esta parte, sempre os portuguêses desceram gente para suas fazendas, quem trazia 2.000 almas, quem 2.000, outros mais, outros menos: veja-se de seis anos a esta parte o que isto podía somar se chegam ou passam de 80.000 almas."

"Vão ver agora os engenhos e fazendas da Bahia achá-los-ão cheios de negros de Guiné e mui poucos da terra, e se perguntarem por tanta gente dirão que morreu", donde se bem mostra o grande castigo de Deus, dado por tantos insultos como são feitos e se fazem a êsses índios, porque os portuguêses vão ao sertão e enganam a esta gente, dizendo-lhes que venham com êles para o mar..."

Tal estado de coisas continuou pelo tempo afora, tanto no norte como no sul da Colônia.

"Na informação que o célebre Padre Antônio Vieira deu ao Govêrno, em 31 de julho de 1678, referiu ainda que, sendo o Maranhão conquistado em 1615 e achando os portuguêses mais de quinhentas povoações de indígenas desde a cidade de S. Luís até Gurupá, no rio

Amazonas, tôdas elas assaz povoadas, já em 1652, época da sua chegada àquela cidade, tudo estava despovoado, consumido e reduzido a um pequeno número de aldeotas das quais tôdas não pôde o Governador André Vidal de Negreiros ajuntar oitocentos índios".

Com o empreendimento da colonização, que se caracterizou no Norte por um sistema de exploração latifundiária, monocultura e servil, com base na plantação da cana-de-açúcar, o português, lembra outro escritor, introduziu no Brasil, como escravo, o negro da África.

Isso, de modo geral, em nada modificou a miserável condição do silvícola; não impediu que os europeus continuassem a oprimi-los e vexá-los, nem os salvou do extermínio.

A escravidão, como se tem dito repetidas vêzes, não era novidade para o indígena, nem constituía para êle motivo de opróbrio; tampouco foram os europeus que trouxeram para o Brasil e para a América o nefando estatuto; êstes lhe deram, todavia, um caráter doloroso e deprimente que a sociedade indígena jamais houvera conhecido (28).

Servidão não significava para o nativo, como para o alienígena, trabalho obrigatório, castigo corporal e vida sedentária, condições que a sua natureza guerreira e nômade nunca pôde suportar.

Ouçamos a êste propósito o autor do "Tratado Descritivo", quando alude ao tratamento que os *Tupinambá* dispensavam aos seus prisioneiros, pois êste trabalho pode ser considerado "o mais precioso repertório de informações etnográficas legadas pelo Brasil quinhentista" (29).

"Muitas vêzes, escreve o cronista, deixam os Tupinambá alguns contrários que cativam por serem moços e se querem servir dêles, aos quais criam e fazem tão bom tratamento que andam de maneira que podem fugir, o que êles não fazem por estar à sua vontade (30)."

Inteiramente diversa, trágica, cruel e aviltante era, como se sabe, a condição do indígena escravizado pelos reinóis, isso porque, rudes e ásperos, eram os labregos que nos vinham do além-mar como imigrantes, e vaidosos e cheios de ganância os homens que a Metrópole nos mandava para colaborar com os altos administradores do país. Uns e outros incapazes de compreender o gentio e tolerar-lhes as fraquezas e peculiaridades étnicas.

---

(23) Ver W. C. Mac Leod — **"Some social aspects of aboriginal american Slavery"**. Journal de la Société des Americanistes. Tome XIX, Paris, 1927, e Fortunato de Almeida — "O Infante de Sagres", Ed. Lopes e Cia., Pôrto, 1904.

(29) Gabriel Soares de Sousa, "Tratado descritivo do Brasil, em 1587", anotado por Francisco Adolfo de Varnhagen. 3ª ed., S. Paulo, 1938.

(30) Não apenas os **Tupi** mas também seus contrários, os **Tapuia**, faziam prisioneiros e os conservavam cativos, tratando-os com brandura. Op. cit., págs. 415 e 416.

O CARÁTER RUDE E ESCRAVISTA DO CONQUISTADOR LUSO

Oriundos de um país onde a escravatura fôra olhada como uma instituição lícita, desde os dias iniciais de sua formação histórica, os primeiros povoadores da terra eram escravistas por índole e por princípio; as guerras, o constante espetáculo do sofrimento, penúria e violência em que, na pátria, viviam mergulhados, plasmara-os fortes, arrojados e pertinases, Rijos de corpo, destemerosos e duros de coração, ignoravam, pois, o mêdo e também a compaixão pelos vencidos. Tampouco conheciam escrúpulos, quando seus interêsses assim o exigiam.

Em "Capítulos de História Colonial", (pág. 19) Capistrano recorda, tomados ao livro de Costa Lôbo, os traços que mostram o caráter dominante do povo lusitano ao iniciar-se a Era dos Descobrimentos.

O português do século XV, diz êle, era fiagueiro, abstêmio, de imaginação ardente, propenso ao misticismo, caráter independente, não constrangido pela disciplina ou contrafeito pela convenção, o seu falar era livre, não conhecia rebuços nem eufemismos de linguagem. A *têmpera era rija, o coração duro.* As cominações penais não conheciam piedade. A morte expiava crimes tais como o furto do valor de um marco de prata. Ao falsificador de moedas infligia-se a morte pelo fogo e o confisco de todos os bens.

Com a rudeza de costumes que assinala aquêles tempos, a segurança da própria pessoa, família e haveres dependia, em grande parte, da fôrça e energia individual; daí freqüentes homízios, agressões, feridas e mortes que habituavam a contemplação da violência e da dor, infligida e recebida. O espetáculo do penar não repugnava, porque ninguém tinha em muita conta o padecimento físico. Cruezas que hoje denotariam a vileza de um caráter perverso não tinham, nesses tempos, semelhante significação. O mal que elas causavam não se reputava demasia, todos estavam sujeitos a padecê-lo. Mas, se a dor física ou moral alcançava modificar a rijeza da índole inacostumada à paciência e à reflexão ou se a paixão a inflamava, então o sentimento irrompia em clamores, prantos e contorsões semelhando aos meneios da demência furiosa.

À dureza da têmpera correspondia extensamente um aspecto agreste; a fôrça muscular era tida em grande aprêço. "Cercear com um revés de montante uma perna de boi por meia coxa ou decepar-lhe quase todo o pescoço eram feitos dignos de recordação histórica (31)."

Eram, pois, feros, embora valorosos.

Interessante seria, talvez, lembrar, em apoio desta afirmativa, tre-

(31) Se a índole do povo era esta, não é difícil calcular os sentimentos que dominavam os homens que vinham povoar a nossa terra, muitos dos quais aventureiros degredados e maranos fugidos às perseguições do S. Ofício.

chos dos velhos cronistas reinóis, entre êles Diogo de Couto, João de Barros, Fernão Lopes Castanheda e Damião de Góis que versam a atuação de seus patrícios na Índia e outros pontos do Oriente. Trariam ao conhecimento do leitor atos tenebrosos de violência e crueldade praticados ali pelos nossos colonizadores e nos quais aparecem comprometidos até personagens do porte de Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque, "o lidador afortunado de Ormuz, Goa e Malabar", aquêle a quem Camões chamou Albuquerque terrível.

Não o faremos, porém, e a razão é óbvia: devemo-nos ater estritamente ao objeto do nosso trabalho, já demasiado amplo. Aliás, dentro da própria história nacional, poderíamos encontrar fàcilmente exemplos semelhantes de notáveis feitos guerreiros e também de revoltante crueldade e de desamor à palavra empenhada, embora em escala bem mais reduzida. O incidente da nau "La Pelerine", aprisionada a cinco léguas de Málaga, o ruidoso caso da fortaleza galo-pernambucana rendida por Pero Lopes de Sousa e, muito mais tarde, ainda o episódio do Capão da Traição se mostram, em si, bastante ilustrativos.

Não menos sugestivo e convincente, neste particular, é o fato seguinte, pôsto no devido relêvo por Almeida Prado, e, no qual, se envolveu o Comandante da Armada Guarda-Costa.

Vitorioso nos reencontros que teve com várias embarcações francesas que traficavam com o pau-brasil, ao longo do nosso litoral, voltou Cristóvão Jaques a Pernambuco, trazendo em sua companhia cêrca de 300 prisioneiros. A muitos dêsses fêz supliciar com requinte de crueldade; "alguns, entregues aos canibais, foram devorados à vista dos vencedores, outros, enterrados até o pescoço na areia da praia, tiveram lenta agonia, alvo dos pelouros de portuguêses e flechas dos índios. Os poucos que escaparam pelas matas encontraram o amparo dos selvagens com quem mantinham relações".

Vem a pêlo recordar, ainda, que o primeiro estímulo que arrastou os portuguêses às terras incógnitas da África foi, consoante a palavra sempre abalizada do escritor João Ribeiro, a ambição de fazer escravos.

Aliás, o depoimento do historiador português Fortunato de Almeida bem nos evidencia a sórdida ganância e as subintenções duvidosas que os navegantes, seus patrícios, traziam dissimuladas nas dobras da bandeira de propagação da fé e do império que arvoravam quando de suas primeiras investidas para o mar.

"Contrista-se, escreve êle, o coração, ao ler a história dos descobrimentos ordenados pelo infante D. Henrique, vendo que os nossos navegantes exerciam em larga escala o tráfico dos escravos. Condenado desde os primeiros tempos do Cristianismo, combatido em todos os tempos, segundo o permitiam as circunstâncias, abolida, finalmente,

pela civilização da Europa e da América, sob o influxo da fraternidade cristã, a escravatura revolta-nos do fundo d'alma, a nós, que felizmente vivemos afastados dos tempos em que ela se exercia."

Os colonos eram, pois, criaturas grosseiras, práticas, utilitaristas e inescrupulosas, tal como haveriam de ser muitos dos seus descendentes luso-brasileiros da era colonial. As idéias que faziam, do nativo americano, um ser ingênuo e puro, moralmente superior ao já decaído europeu, postas em voga no Velho Continente pelos filósofos do Renascimento — jamais chegaram a lhes toldar a mente, de ordinário pouco desbravada, nem tiveram sôbre êles qualquer influência capaz de amenizar a rudeza de seu trato com os silvícolas do nosso território (32).

Daí nasceriam as revoltas, tumultos e vinganças que aniquilaram as esperanças da maioria dos donatários, alguns dos quais, "com o fracasso de suas emprêsas, perderam a honra e a memória dos nomes nobilíssimos que traziam", e que, depois, fizeram árdua e cruenta a marcha da conquista e penetração dos povoadores brancos.

Se duas capitanias, sobreviveram galhardamente àquilo a que João Ribeiro chamou, com justa razão, "o drama e a tragédia das capitanias"... foi principalmente porque tiveram a ampará-las, uma, a de Pernambuco, a clarividência, firmeza de ânimo e habilidade nunca desmentidas do seu Capitão-Mor, a outra, a de São Vicente, a experiência e dedicação de João Ramalho e sua numerosa descendência.

Isso não significa, é bem de ver, fôssem pacíficos os inícios de qualquer delas. Bem ao contrário, numa e noutra, o branco sentiu fundo a hostilidade do índio e só triunfou valendo-se da fôrça e da astúcia (33).

Para encetar a colonização pernambucana tivera Duarte Coelho que sustentar cruentas lutas com os *Caeté* até lograr expeli-los do litoral e firmar-se na terra.

---

(32) É certo que o autor procura justificar a atuação dos portuguêses na África: dizendo: Não tem faltado quem acuse o infante D. Henrique de haver permitido êsse tráfico detestável aos seus marinheiros, mas é forçoso confessar que a acusação está muito longe de ser grave. Para avaliarmos os costumes e os ideais de um homem, devemos transportar-nos à época em que êsse homem viveu e às circunstâncias em que se achou.

Abominável costume foi extinto pela civilização do nosso tempo, não é nem pode ser um bom processo de crítica histórica.

Na ocasião em que da África vieram para Portugal os primeiros cativos, não só se conservava na Europa, desde a antiguidade pagã, o uso da escravatura, mas já não era novo o tráfico dos escravos, como se vê de algumas passagens da crônica de Azurara.

(33) Taunay: "Resistência à conquista do Nordeste".

"Chegando Duarte Coelho a êste pôrto, recorda o cronista Gabriel Soares, desembarcou nêle e fortificou-se onde agora está a vila em um alto livre de padrastos, da melhor maneira que foi possível, onde fêz uma tôrre de pedra e cal, que agora está na praça de vila, onde muitos anos teve grandes trabalhos de guerra com o gentio e franceses que em sua companhia andavam, dos quais foi cercado muitas vêzes, malferido e mui apertado, onde lhe mataram muita gente"; e acrescenta: "mas êle, com a constança de seu esfôrço, não desistiu nunca de sua pretensão, e não tão-sòmente se defendeu valorosamente, mas ofendeu e resistiu aos inimigos, de maneira que os fêz afastar da povoação e despejar as terras vizinhas aos moradores dela de onde depois seu filho, do mesmo nome, lhe fêz guerra, maltratando e cativando neste gentio, que é o que se chama *Cayté,* que fêz despejar a costa tôda, como esta o é hoje em dia, e afastar mais de cinqüenta léguas pelo sertão."

ALIANÇAS LUSO-BRASILIENSES

No tempo das donatarias e, depois, no decorrer da fase do povoamento, houve, não há como negá-lo, novas alianças guerreiras e até contatos, de certo modo, amistosos e duradouros entre lusitanos e aborígenes brasileiros. Tais aproximações foram, porém, à maneira do que sucederá nas primeiras décadas do século XVI, fruto da interferência de indivíduos que, privando com êstes demoradamente, logravam, graças ao prestígio pessoal, que fruíam, propiciá-los em favor dos portuguêses.

Que nos baste recordar a atuação que tiveram, em época mais chegada a nós, Martim Soares Moreno, entre os Potiguares da costa cearense, e o mameluco Jerônimo de Albuquerque, em meio de seus irmãos brasileiros do Rio Grande do Norte. Eram êstes, porém, casos excepcionais.

O apaziguamento de ânimos e de interêsses entre os dois grupos étnicos em presença, quando os houve, resultou as mais das vêzes, como se disse, da dedicação do missionário católico, em particular dos Jesuítas, cuja palavra tinha para os filhos da terra irresistível fascínio. Os soldados de Loiola seriam, mesmo, pelo tempo em fora, os obreiros incansáveis das pazes firmadas entre os íncolas e colonizadores, embora as suas diligências nem sempre fôssem bem sucedidas, como se vê da carta de Nóbrega, escrita da Bahia, com a data de 8 de maio de 1558.

Dirigindo-se ao Superior da Ordem em Portugal, diz com efeito o benemérito inaciano: "Depois que o Brasil é descoberto e povoado, têm os gentios morto e comido grande número de cristãos e tomado

muitas naus e navios e muita fazenda". Reação natural, senão justa porque "... se fizerem que os cristãos os salteavam e tratavam mal, alguns "na verdade" o fizeram assim." (34).

Nunca as alianças luso-brasilienses surgiram, porém, como uma conseqüência pura e simples da inclinação espontânea do nativo pelo português como antes havia sucedido em relação aos franceses.

Referem historiadores dignos de todo o crédito que Tibiriçá, à frente de seus guerreiros, salvou a nascente vila de São Paulo, e que Araribóia, no Rio de Janeiro, depois de ferido Estácio de Sá, levou os *Guaianá* e os portuguêses à vitória. Êsses exemplos de dedicação do índio à causa lusitana e muitos outros fàcilmente apontáveis em nada invalida o que acima ficou dito. Foram todos, pode dizer-se, obras dos Jesuítas. Estimulando os sentimentos católicos ou simplesmente afetivos dos indígenas, êles os levaram ao combate contra aquêles que se opunham à obra de expansão dos portuguêses.

x X x

Os indígenas acompanharam, é certo, os colonos em suas excursões de préia pelos sertões e voltaram comboiando rebanhos numerosos de prisioneiros, e, com os bandeirantes, partiram ao descobrimento de minérios preciosos e pedrarias raras. É preciso, porém, não ficar esquecido que tais escoltas eram invariàvelmente constituídas por escravos de há muito afeitos às duras condições do seu miserável estado ou por índios tirados das aldeias e dirigidos por Missionários, aldeias a que Anchieta chamava simplesmente igrejas.

Também nas campanhas ofensivas e defensivas de larga envergadura, movidas pelos portuguêses às cabildas rebeldes da costa e, mais tardè, às dos interior, serviram grupos de gentios de condição livre. Assim agindo, raro cediam, porém, ao impacto de seus instintos belicosos e rapaces ou ao desejo momentâneo de aniquilar tribos contrárias, desejos e instintos exacerbados sempre pelas arengas solertes dos brancos e seus descendentes mestiços, dobravam-se, de ordinário, à coação irresistível das armas lusitanas e ao mêdo de represálias. Jamais tiveram em mente o propósito de cooperar com os seus algozes.

Marchando a participar das guerras ao lado dos luso-brasileiros, o silvícola de qualquer condição trazia quase sempre recôndito o travor do ódio ao branco e o desejo de vingança que jamais deixava de exercer, quando a ocasião a isso se tornava propícia. Do aniquilamento dos componentes luso-brasileiros de numerosas entradas pelos nativos a elas incorporados temos numerosos exemplos.

(34) Ver "Cartas Jesuíticas", Serafim Leite, Vol. 194, série 5, da Brasiliana. S. Paulo, 1940.

Na verdade, o Govêrno era o maior culpado de semelhante estado de coisas. Procurou, é certo, algumas vêzes, amenizar a sorte dos infelizes íncolas. Fê-lo, porém, quase sempre, de maneira inadequada. A legislação que promulgava era contraditória, por isso mesmo, inoperante. Demais, êle próprio estimulara abusos contra a liberdade do nativo.

Dando aos donatários o direito de escravizar indeterminado número de autóctones, êles e seus apaniguados abusavam de tal prerrogativa. Também a interpretação demasiado liberal das "leis da metrópole pelos Capitães-mores e, depois, pelos Governadores-Gerais, considerando prescritos os crimes cometidos além do oceano, não fôssem traição e moeda falsa, e alargando sem limitações o direito de asilo", permitiu medrassem, no Brasil, colonos da pior espécie (35) e que se transformaram cedo não só em fatôres de anarquia, como de perseguições e extermínio do índio.

Mais tarde, quando se alastrou o povoamento, incidiu ainda uma vez em êrro, considerando legal, em muitas circunstâncias, a servidão e tolerando que os colonos fizessem o resgate, isto é, comprassem aos índios os prisioneiros de guerra, condenados à morte.

Tantos abusos e crueldades sofreram, porém, os indígenas que as autoridades acabaram determinando os casos em que êles podiam ser escravizados e eram, conforme lembra Diogo de Vasconcelos, os seguintes: 1o.) se aprisionados em guerra; 2o.) se tomados aos antropófagos, presos, para serem comidos; 3o.) se em crianças, compradas aos pais; 4o.) se pertenciam a tribos proscritas e estas foram tôdas as que praticavam antropofagia por hábito. A tribo, por exemplo, dos *Caeté*, frisa ainda o autor citado, ficou decretada ao cativeiro e ao extermínio em desafronta à maldade cometida contra o primeiro bispo e seu companheiro de naufrágio. Contra as tribos desta classe tôda guerra, portanto, era justa. É fácil adivinhar como tôdas as guerras se coroavam de justas, e como todo tráfico apresentava-se de resgate (36).

FIRMAM-SE OS PORTUGUÊSES DEFINITIVAMENTE EM TERRAS DO BRASIL

Em 1587, em menos de quarenta anos depois da fundação da cidade do Salvador, consiga o já muito citado Gabriel Soares de Sousa,

(35) Para não enfraquecer numèricamente a população, Governadores-Gerais, notadamente Tomé de Sousa, derrogavam, ao seu inteiro arbítrio, os dispositivos penais contidos nas ordenações, absolvendo de culpa criminosos de tôda casta e matiz.

(36) Alega-se em defesa do português, que bem mais cruéis, para os gentios,

"contava a terra dezesseis freguesias; sessenta e duas igrejas, tôdas bem consertadas, limpas e providas de ornamentos; três mosteiros de religiosos, oito casas de cozer meles, mui proveitosas e de muito fabrico; trinta e seis engenhos moentes e correntes, dos quais quinze movidos por bois e o resto por água. Outros quatro estavam construindo, e a produção anual montava o melhor de cento e vinte mil arrôbas de açúcar e muita conserva".

"Dentro do Recôncavo e em certas ilhas dêle havia alguns currais; a fôrça da criação começava da ponta de S. Antônio para o Norte; no tempo em que Gabriel Soares escrevia, já alcançava o rio Itapicuru; e avultavam como criadores os Jesuítas e Garcia de Ávila, o fundador dessa casa de Tôrre que mais tarde devia tornar-se tão opulenta."

Ao sul, os núcleos do povoamento fundados, em 1532, por Martim Afonso de Sousa, — um dos quais iria "posteriormente mudar de sede e de nome, transformando-se insensìvelmente na atual cidade de S. Paulo", — Santos, destacado de S. Vicente, e o centro demográfico erigido em S. Amaro, desenvolviam-se de modo satisfatório, embora nem de longe pudessem rivalizar em progresso econômico com as vilas pernambucanas e focos de povoamento que surgiam próximo à metrópole da Colônia (37).

Isso era particularmente verdadeiro no que tange a S. Vicente, que cedo enlanguesceu. Essa vila nascera, aliás, sob mau signo. Foi,

---

foram os espanhóis nas regiões do Novo Mundo por êles avassaladas; que, marcados pelo signo da brutalidade, os espanhóis e os americanos do norte eliminaram a ferro e fogo a maioria dos indígenas de seu país. A afirmativa é justa e cabível. Não consta, na verdade, que os lusitanos houvessem, como aquêle povo de conquistadores, adestrado cães para caça ao homem nativo e os alimentassem de sua carne ou, que, à maneira dêstes, se servissem, para exterminá-los do álcool ou de processos tais como presentes de roupas contaminadas pelo virus da varíola. Isso não os derime, porém, da culpa de cruéis, violentos e ferrenhos escravocratas. Que não tiveram benevolência alguma, para com os filhos da terra, mostram sobejamente os depoimentos dos Jesuítas, em particular Vieira.

Diogo de Vasconcelos é de parecer que êles "praticavam a lei histórica de todos os tempos e de todos os países, em que é mister coexistirem raças desiguais; ou a escravização ou o abandono da Colônia, e tal é a forma das coisas Lacrimae rerum; que foi a escravidão o primeiro passo da ordem civil, instrumento necessário de grandeza expansiva do mundo antigo. A palavra e os argumentos do douto historiador também não convencem.

(37) Capistrano de Abreu — "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil", Ed. Soc. C. de Abreu — Rio, 1930.

escreve o Brigadeiro Machado de Oliveira (38), infeliz na infância e o infortúnio dos primeiros tempos iria acompanhá-la à sua última decadência pela bem conhecida causa dos inconvenientes de sua posição.

x X x

Ao iniciar-se a segunda metade do século XVI, estão os lusitanos sòlidamente firmados em chãos do Novo Mundo.

A partir dêsse momento histórico, profundas transformações econômicas, sociais e, quiçá, políticas irão ocorrer no solo da Colônia. Pernambuco, favorecido pela posição geográfica que lhe facilitará o intercâmbio com a Metrópole, tanto para dela receber capitais e colonos como para a remessa de seus produtos e, talvez, também com a África, donde lhe virão escravos em abundância, continuará prosperando magnìficamente.

Até a invasão holandesa, ressalta ainda Capistrano, Pernambuco se avantajava em população, riqueza e cultura a tôdas as irmãs.

Depois de se ter estabelecido em Igaraçu, divisa de Itamaracá, uma parte do quinhão de Pero Lopes, e cuja sede era Conceição, passara Duarte Coelho algumas léguas mais para o sul, fundando a vila de Olinda (38).

"Para o sul, acrescenta o mestre cearense, continuaram Jerônimo de Albuquerque, Duarte Coelho II e Jorge de Albuquerque. No mesmo sentido, trabalharam particulares, como João Pais, que fundou oito engenhos junto ao Cabo de S. Agostinho, e, como o fidalgo Lins, cuja viúva, D. Adriana de Olanda, vivia ainda na era de 1640, com 110 anos de idade, cercada de cinco gerações de descendentes, trabalharam ainda outros, cuja lembrança não se conservou com o mesmo cuidado."

De Conceição foram recursos para Pernambuco quando, em 1548, os *Potiguar* atacaram Igaraçu e lhes puseram cêrco. Na defesa do povoado, figurou o alemão Hans Staden que, mais tarde, em 1557, publicaria um livro descrevendo suas aventuras em terras brasileiras.

No centro, Salvador, cabeça da Colônia, desde março de 1549, quando aportou à Baía de Todos os Santos o primeiro Governador-Geral, trazendo em sua companhia 400 soldados, 600 degredados e muitos

(38) Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira — "Quadro Histórico da Província de S. Paulo até o ano de 1882". Apud Gileno de Carli — "Gênese e evolução da indústria de S. Paulo", Ed. Pongetti, Rio, 1943.

(38) Lembra Capistrano de Abreu (Capítulos de História Colonial), que, nas armas concedidas por D. João III, a Duarte Coelho, em 6 de junho de 1545, cinco castelos representavam os cinco centros de povoações criados por êle, e acrescenta: — "Infelizmente, conhecíamos só Iguaraçu, Olinda e, quiçá, Paratiba".

mestres de ofício pagos pelo horário real. Tornar-se-á, em breve, outro grande foco irradiador da cultura européia em chãos brasileiros. Os chãos do Recôncavo, por sua vez, semeados de fazendas, engenhos e banguês, iriam atingir cedo elevado nível de produção agrícola e pastoril.

"D. João III tomou-a sob sua especial proteção, enviou-lhes colonos, forneceu dinheiro, adiantou escravos e mercadorias, isentou ou aliviou de impostos os moradores, cercou-os de cuidados e desvelos que a fizeram desde o começo viável e ajudaram a medrar vigorosa".

Nas praias do sul, "a semente não medrou em terreno bom. Em 1548, pelo litoral só existiam seis engenhos em funcionamento. Não garantiam um destino nobre às terras da Capitania. População escassa e a distância que ia de Santos a Lisboa era por demais grande para que fôssem desprezados os argumentos de ordem geográfica do Recife e de Salvador."

"Depois, as terras gordas do massapê pernambucano e baiano eram superiores às da baixada de Santos."

Disseminadas ao longo da costa que vai do Salvador ao litoral paulista, vegetam, por essa época, remanescentes das pequenas vilas fundadas pelos donatários ou seus prepostos. Aí abrolharão, com o correr do tempo, novos agregados de população reinol, entre os quais avultaria a vila do Rio de Janeiro, plantada em chão ainda dominado pelos irredutíveis *Tamoio*.

Neste comenos, novas bandeiras afundam-se nos sertões desconhecidos, tentando devassá-los. Nos recantos do litoral, não sujeitos ao domínio efetivo da coroa lusitana, repetiam-se, porém, as cenas de pirataria e os dramas sangrentos ocorridos no transcurso das primeiras décadas do século XVI naquelas terras brasileiras já agora inteiramente dominadas pelos nossos.

Ocupados Pernambuco e Itamaracá, haviam, com efeito, os piratas e contrabandistas transferido o campo de atividades para as terras de Paraíba e Rio Grande do Norte, "onde comerciariam por mais de 30 anos, antes de serem definitivamente vencidos e daí desarraigados."

Foram-se, igualmente, em busca de refúgio nas abras e gôlfãos de Pôrto Seguro e do Espírito Santo ou passaram ao Rio de Janeiro, "onde, por muitas léguas, dominavam os fiéis tamoios e existia Pau-brasil em abundância."

Tais atos de flibustaria punham em evidente perigo a autoridade e o prestígio dos lusitanos em tratos territoriais que, de direito, lhes pertenciam, atentos a que seus autores continuassem a contar com o apoio declarado dos silvícolas locais.

Era, pois, urgente coibir tais abusos, arrebatando aos intrusos as terras onde, porventura, houvessem erigido seus entrepostos de escambo e colonizá-las.

Agindo em conformidade com o princípio milenar, segundo o qual a ocupação e o uso constituem a melhor garantia da propriedade, os portuguêses contavam conjurar fàcilmente o perigo que representava, para êles, a presença de traficantes estrangeiros em águas da Colônia.

Em março de 1560, Mem de Sá penetra com uma forte armada na baía de Guanabara e infringe substancial derrota aos gauleses aí estabelecidos. Êste feito marcará o início da derrocada dos sonhos imperialistas dos criadores da França Antártica. Cinco anos de permanência não haviam bastado para consolidar a emprêsa temerária a que se abalançara *Villegagnon*, tão ligeiramente. A intransigência de seu proceder e intrigas religiosas haviam quebrado a coesão e a resistência dos intrusos. Em 1o. de março de 1565, Estácio de Sá, prosseguindo a obra benemérita de seu tio, começa a fundar a cidade de S. Sebastião. Dois anos depois, será definitivamente estabelecido o domínio lusitano naquele trecho da costa oriental e criada, em terras de Martim Afonso de Sousa, a capitania real do Rio de Janeiro.

Outras lutas se feriram no tempo do terceiro Governador-Geral.

"Êste, diz-nos Anchieta, sujeitou quase todo o Brasil, teve guerra com os índios do Paraguaçu, fronteiros da Bahia e muito poderosos, em que lhes queimou 160 aldeias, matando muitos e os mais sujeitou. Amansou os de Ilhéus, que estavam levantados e tinham destruído muitas fazendas e posta a Capitania em grande apêrto. Dêstes, houve muitas insignes vitórias que ficaram sujeitos todos os índios *Comarcãos* da Bahia desde Camamu até o Itapicuru, que são quarenta léguas."

Na gestão de Manuel Teles Barreto (1582-1587) prosseguem e concluem os reinóis a conquista da orla marinha da Paraíba. Chega, assim, a bom têrmo, a "longa e perigosíssima emprêsa, iniciada pelos governos anteriores e à qual se acham intimamente ligados os nomes de Frutuoso Barbosa, Martim Leitão, Diogo Flôres Valdez, Francisco de Castejon, Simão Rodrigues Cardoso e de outros menos falados, embora não menos destemerosos.

No decorrer das lutas, estimulados secretamente pelos franceses, batem-se os indígenas com inexcedível bravura e extraordinária determinação, logrando, dêsse modo, resistir às tentativas de ocupação que se vinham sucedendo desde o tempo de Luís de Brito, quando para lá haviam marchado as tropas sob as ordens de Fernão Silva, Ouvidor-Geral e Provedor-Mor do Estado, e, depois, a expedição comandada pelo próprio Governador.

Surgem, porém, cizânias nos arraiais dos combatentes nativos. Desavém-se o chefe Piragibe com seus aliados *Potiguar* e disso logo se aproveitam os portuguêses que, assim, logram afinal dominar a resistência dos gentios . Vencedores, erigem o forte de S. Filipe, no Cabedelo, que se constituirá, daí por diante, para os reinóis, centro de novas

investidas colonizadoras. Para vencer e dominar as tribos contrárias, curavam enfraquecê-las, dividindo-as — para o que armavam discórdias no seio delas, exacerbando as divergências sempre comuns entre seus maiorais, ora valiam-se dos ódios que contra elas nutriam outras hordas gentílicas, às quais se aliavam (39).

Na luta contra os aborígenes e contra os estrangeiros, os principais, senão os únicos esteios em que se firmaram os portuguêses, foram, pelos motivos já apontados, os próprios filhos da terra (40).

Para abater os *Tamoio* do sul, prevaleceram-se os colonos da tradicional repulsa que, contra êles, sentiam os *Temiminó*.

A inimizade reinante entre os *Tupinambá*, de Leste, e os que habitavam as margens do Paraguaçu muito ajudou também, como se disse, nos princípios do povoamento aos portuguêses para se firmarem na terra da Bahia.

Em 1540, Cristóvão de Barros subjugara parte do território de Sergipe, cujos autóctones tão decididos se mostravam em defendê-lo palmo a palmo. Esta capitania, malgrado "as sucessivas entradas visando a submeter os moradores nativos dos rios Real, Sergipe e Japaratuba", só seria, porém, definitivamente avassalada após as guerras flamengas.

Alguns anos depois dos sucessos da Paraíba, D. Francisco de Sousa determina a ocupação definitiva do Rio Grande do Norte, um dos centros de maior resistência ameríndia no litoral brasileiro.

Manuel de Mascarenhas Homem e Jerônimo de Albuquerque, o segundo de nome, acabam, porém, levando de vencida todos os obstáculos e fundam Natal e o Forte dos Reis Magos.

Dêsse modo, "ao aproximar-se o fim do primeiro século da conquista, os domínios portuguêses não eram fúteis nem somenos; o Brasil de então formava uma série contínua de colônias semi-agrícolas (do tipo das Plantation-colonies inglêsas), só servidas por escravos e que ia de S Vicente a Natal.

Além dêsses limites, num grande trato, nenhum colono havia ao Norte nem ao Sul; mas, dentro dêles, agitava-se a vida ativa nas pequenas vilas próximas ao mar e nos engenhos, que já atingiam a mais de uma centena, povoados de milhares de escravos negros e índios.

---

(39) A política dos povoadores brancos, em relação às tribos inimigas, em nada divergia, em suas diretrizes, da seguida pelos governos de muitas nações modernas, no tocante aos povos que lhes eram sujeitos.

(40) Não desmente a afirmativa a tão decantada atuação dos indígenas nas guerras flamengas. No fundo, os comandados de Filipe Camarão não lutaram em favor dos portuguêses mas contra inimigos de sua nova crença, contra o herege que os Padres haviam ensinado a odiar e temer, e cujo domínio não podiam suportar.

Além dêsses núcleos, havia as aldeias e casas de jesuítas, quase duzentas, onde se agrupavam numerosos prosélitos, *columis* ou crianças sob a proteção dos padres. Em Pernambuco, S. Vicente e Bahia havia aulas de latim e de casos de consciência e por tôda a parte aulas de ler. A vida era de "festas e prazeres", diz Anchieta.

x X x

Na terceira década do século XVII viria a conquista do Nordeste pelos holandeses.

Tendo por norma invariável de conduta captar as boas graças do ameríndio das terras ocupadas, com presentes e honrarias, logram os intrusos, graças a esta política de bondade e compreensão, fazer numerosos amigos e aliados entre tribos litorâneas.

Aderindo também à causa do invasor, descem os *Tarairiú* do sertão para, sob o comando do principal Jandoí, lhes engrossar as hostes e onde já militam numerosos guerreiros tupis da grei de Pedro Poti e Antônio Paraupeba. Êste, tendo sob suas ordens duzentos índios poderosamente armados, será o triste herói da chacina de Uruaçu; aquêle distinguir-se-á por sua ferócia em Cunhaú, onde pereceram muitas dezenas de colonos luso-brasileiros.

Enquanto era vivo Jacó Rabbi, o aventureiro judeu que, lhes tendo caído nas graças, os orientava e dirigia, mostram-se os *Jandoí* auxiliares prestimosos dos holandeses e perseguidores cruéis e incansáveis dos luso-brasileiros e seus mestiços.

Os morticínios de Cunhaú, Casa Forte de João Lustau e Ferreiro Torto desvendam, a um só tempo, tôda a extensão do ódio dêsses tapuias e a eficiência de sua ajuda contra o inimigo comum (41).

Exaltando o fervor religioso que tão bem haviam sabido incutir nos corações rebeldes dos selvagens nordestinos, logram os missioná-

(41) Depois da morte violenta do chefe branco, que os dirigia, fato ocorrido em 5 de abril de 1646, tendo os flamengos se negado a entregar o culpado à vingança dos nativos, êstes se revoltaram, ameaçando atacar os seus aliados. Atitude idêntica tiveram, segundo Varnhagen, os índios Potiguar. Fêz-se necessária a intervenção de Rulo Barro, outro velho e fiel amigo da indiada, e muitos presentes, para trazê-los à razão. Os Jandoim, em sua totalidade, se acalmavam, mas muitos brasilienses, aproveitando o ensejo, fizeram causa comum com os pernambucanos. O modo de proceder dos nativos bem demonstra a fragilidade dos laços de amizade e simpatia que os prendiam aos brancos, qualquer que fôsse a nacionalidade dêstes. Recordemos, ainda, para reforçar a nossa tese, o morticínio das guarnições holandesas, ocorrido no Ceará, em 163 , e a trucidação dos franceses, levados a efeito na baía de Mucuripe, pelos seus aliados Potiguar, por instigação de Martim Soares Moreno.

rios, por seu turno, levantar em favor dos luso-brasileiros a maioria das aldeias cristãs plantadas no govêrno de Pernambuco. Chefia as tropas nativas o célebre Poti, o Antônio Felipe Camarão das nossas crônicas.

Mais uma vez, das lutas armadas que se ferem em nosso território, entre colonos lusitanos e invasores estrangeiros, participam os filhos do país, imiscuindo-se, dêsse modo, em questões que não eram verdadeiramente suas, nem lhes diziam respeito, e onde seriam imolados impiedosamente por ambos os contendores.

DESLOCAM-SE OS NATIVOS PARA FUGIR À OPRESSÃO

O advento dos brancos e os conflitos euro-americanos, de grande e pequeno vulto, feridos no decorrer do 1o. século, na orla marinha brasileira, produziram enorme abalo no seio das comunidades indígenas que aí viviam e cuja feição geral já fixamos. Determinaram, outrossim, deslocamentos humanos de variável envergadura, realizados, na maioria dos casos, sem qualquer ordem, nem orientação.

Como primeira conseqüência de semelhantes fatos, quebra-se o ritmo e o sentido geral em que se vinha processando a marcha das migrações dos grupos autóctones ribeirinhos do oceano, direta ou indiretamente envolvidos nesses encontros armados. Altera-se, também, por contra-choque, de maneira brusca e substancial, o panorama de distribuição geográfica das populações gentílicas da zona sertaneja.

Tribos derrotadas, cedendo ao pêso das armas contrárias, retraem-se para o ocidente em busca de refúgio, já que, ao oriente, surge intransponível a barreira do mar.

Mas, não apenas as clãs vencidas retiram-se apressadamente do litoral, sob o terror pânico que lhes inspira o alienígena peninsular. O mêdo contagia, outrossim, os índios amigos e aliados e os grupos nativos que em tôrno dêstes gravitam.

Conhecida a índole escravista, ambiciosa e rude do reinol, já ninguém se sente em segurança e, logo que podem, debandam aos magotes, buscando na fuga a garantia da vida e da liberdade.

Semelhante estado de coisas vinha, aliás, dos primeiros tempos da conquista. Conforme se vê do depoimento de Anchieta, que é, neste particular, dos mais sugestivos e impressionantes: "Nessa terra desleixada e remissa, em vinte anos de cêrca de 100 mil índios batizados por todo o país não haveria, escreve o Padre, mais que a quinta parte, o resto fugiu para a floresta, a fim de escapar do cativeiro."

Levas e levas de selvagens espavoridos e desorientados, tentando furtar-se à opressão e ao extermínio, lançam-se, pois, abruptamente, sertão adentro, sem curar de obstáculos, nem perigos.

Vão, dêsse modo, chocar-se com os moradores daqueles ermos em cujas mãos muitos perecem miseràvelmente.

"Infelizes, clamava outro cronista, fugiam e morriam de fome ou se metiam com seus inimigos e morriam a mãos violentas."

Remanescentes das tribos praianas logram, é certo, deslizar entre cabildas adversas e vão povoar, em condições mesquinhas, regiões ainda virgens ou trechos abandonados na hinterlândia. Outros, mais numerosos e fortes, que conseguem manter-se coesos na retirada, alcançam terras distantes ou se apossam dos domínios tribais de agregados nativos menos valentes e aguerridos que vivem em distância pouco considerável do mar. Dêsses, raros deixaram nas crônicas, ou na tradição de antanho, memórias de seus deslocamentos e informações capazes de permitir aos pesquisadores modernos reconstituírem, com a necessária precisão, a rota seguida em suas incertas e aventurosas marchas. Impossível, assim, também conhecermos as vicissitudes sofridas ao longo da trajetória que percorreram.

A primeira grande migração històricamente provada, e da qual resultaria uma nova expansão do grupo tupi-guarani para o norte-brasileiro, fêz-se no rumo da costa maranhense que foi, de acôrdo com as cuidadosas indagações de Métraux, alcançada entre 1560 e 1580.

O capuchinho Claude d'Abbeville, que registrou o fato e pessoalmente conviveu com algum dos participantes da odisséia cabocla, dá-lhe como ponto de partida uma região, jacente sôbre o trópico de Capricórnio, chamada *Caeté*. Aí seriam os componentes do grupo retirante conhecidos, ainda conforme o Padre cronista, pelo nome de Tupinambá (42).

Com melhor razão, o americanista francês acima referido situa o foco de origem desta corrente migratória entre os rios Paraíba e S. Francisco, e adianta que ela teria sido integrada antes pelos famosos *Caeté* de Pernambuco, sôbre os quais caíra o anátema da Igreja e a ira do donatário e colonos por terem, em 1556, devorado o Bispo Pero Fernandes Sardinha.

"Realmente, esta Capitania foi, como se viu, ao mesmo tempo de sua fundação, teatro de guerras sangrentas movidas pelos brancos con-

(42) Métraux, baseado em Abbeville, fala-nos de duas outras migrações de tupinambá pernambucanos, ambas de caráter místico, dirigidos por magos ou farsantes, empenhados em conduzí-los à terra-sem-mal. Teriam ocorrido tais movimentos humanos de 1605 a 1609.

Há nisso um grande equívoco do ilustre americanista. Como já observou o Barão de Studart, em seu trabalho sôbre o Pe. Francisco Pinto, a segunda leva de nativos, mencionada pelo sacerdote francês, caminhou sob a direção daquêle inaciano e de seu companheiro, o Pe. Figueira. Quanto à primeira, tudo indica tratar-se da infeliz bandeira de Pero Coelho de Sousa.

tra os aborígenes rebeldes, particularmente *Caeté* que, desarvorados, refugiaram para as brenhas, afastando-se mais de cinqüenta léguas pelo sertão."

Não se sentindo, porém, suficientemente seguros a esta distância do litoral, assentaram retirar para mais longe e, caminhando em direção ao Norte, foram, afinal, encontrar, de um lado, as extensas águas do Amazonas e, do outro, o oceano. Impossibitados de prosseguir na derrota, deliberaram localizar-se na ilha de S. Luís e trecho da costa que vai do rio Pará ao Parnaíba. Tomaram novos nomes, conforme as regiões em que se fixaram, sem perder, porém, o patronímico comum a tôda nação. À maneira de seus homônimos de Leste, não tardaram a se subdividir em facções inimigas que mùtuamente se digladiavam.

Pensa ainda Métraux não ser de todo impossível que ao Maranhão hajam chegado também não poucas levas de fugitivos oriundos da Bahia.

Nesta Capitania, diz êle, os colonos eram numerosos e tinham, por isso, maior necessidade de escravos do que em qualquer outra, e menor temor das represálias por parte dos indígenas a quem perseguiam. Em conseqüência da guerra que lhes moveu Mem de Sá, em 1558, grande foi o morticínio dêsses silvícolas e os que puderam escapar ao massacre fugiram para mais de 50 léguas da costa (43).

A trilha seguida daí por diante fácil é imaginar-se. Conjetura o autor a que nos reportamos, que, saindo dos sertões da Bahia, atravessaram o S. Francisco e, seguindo o caminho mais tarde palmilhado pelos descobridores do Maranhão, desceram até o mar, seja pelo Parnaíba, seja pelo Itapicuru, seja pelo Mearim, rio que, no dizer de Abbeville, "a son origine vers le Tropique du Capricorne dont plusieurs (fugitivos) sont venus quelquefois tout au long d'icelle jusqu'a Marangnan".

Milliet de Saint Adolphe (em seu Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil, t. II, págs. 729-731) fala, por sua vez, de uma grande migração de selvagens *Tupinambá* que teria ocorrido em 1560, nas capitanias da Bahia e de Pernambuco. Impotentes para lutar contra os portuguêses, os nativos se teriam furtado à dominação de seus vencedores, pela fuga. Dirigindo-se ao Amazonas, estabeleceram-se principalmente na região do Pará. Como o escritor não indica a fonte onde foi buscar essas informações, é possível que as hou-

(43) Ver, a êste propósito, Gabriel Soares de Sousa. "No instrumento dos serviços prestados, como Governador do Brasil, Mem de Sá alega, informa Capistrano, das guerras de Paraguaçu com a destruição de cento e sessenta aldeias". Anchieta eleva, porém, para 80, o número de aldeias destruídas pelo Governador-Geral.

vesse da tradição. É isso, pelo menos, o que supõe Martius (pág. 196), que cita o fato apesar de lhe contestar a veracidade.

Também Anchieta (pág. 13 e 14) alude a uma deserção em massa de ameríncolas baianos, ocorrida em 1562, em virtude de sentença lançada por Mem de Sá contra os *Caeté*.

"Vendo os índios os insultos e agravos que lhes faziam em os cativar assim os das igrejas mais principais que tínhamos, e todo o mais gentio que estava por esta terra, e pelas falsidades que os Portuguêses por si e por seus escravos lhes diziam da guerra, que lhes haviam de dar e êles viam pelo ôlho como eram salteados, se levantou parte do gentio de Paraguaçu e Cirigipe, indo-se para o sertão; e das nossas igrejas a saber: S. Antônio, Bom Jesus, S. Pedro, S. André, 1.200 almas ficaram 1.000 pouco mais ou menos, e tôda esta gente a mais que tinha dito se foi meter por êsses matos por escaparem aos agravos e sem razões que lhes os portuguêses faziam." O cantor da Virgem menciona, outrossim, pequenas fugas de chefes índios como o do Principal Marrangau que, fazendo-se acompanhar do que lhe restava da tribo, foi-se para o rio S. Francisco.

Entre gentios que, em grandes grupos, deixaram a costa brasileira, sob a pressão de terror, devem ser incluídos os *Tupinambá* ou *Tupinambarana*. Recém-vindos à ilha da foz do Madeira, que lhes guarda o nome, quando em 1639, aí aportou Acunã, êstes silvícolas podem, na opinião de Métraux, reivindicar a honra de ter realizado o mais vasto deslocamento humano de que há memória na América do Sul (44).

Segundo uma velha tradição, corrente entre êles e recolhida pelo viajante espanhol, descendiam dos moradores de 84 aldeias, que, vivendo primitivamente na orla praieira de Pernambuco, haviam desertado em massa da terra do berço para escapar à servidão.

Varando o Brasil no sentido de seu maior diâmetro, o grupo fugitivo, caminhando ao léu da sorte, atingiu o sopé dos Andes, chegando a encontrar-se com os espanhóis que habitavam nas nascentes do rio Madeira. Iam já bastante desfalcados, em virtude de terem, alguns de seus componentes, se fixado nas regiões intermédias que iam atravessando (45).

"Dizem também, escreve Acunã em seu livro de viagem, que, como saíram tantos que por aquêles desertos não podiam sustentar-se todos juntos se foram dividindo em tão dilatado caminho, que era pelo menos de novecentas léguas, ficando uns a povoar umas terras

(44) Métraux — op. cit., pág. 23.

(45) Boa documentação e regular literatura espanhola existe no tocante ao assunto, conforme se vê do trabalho de A. Métraux, tantas vêzes aqui citado a propósito das migrações dos tupi-guarani e reproduzido, quase integralmente, em muitos dos seus trechos.

e outros outras, dos quais sem dúvida estão bem cheias, tôdas aquelas cordilheiras (46)."

Os que se deixaram ficar junto às nascentes do Madeira, em terras dominadas pelos espanhóis, não foram felizes. Tendo atentado contra a propriedade privada de seus hospedeiros ocasionais, matando-lhes uma vaca, se viram por isso forçados a retomar, mais uma vez, sua longa e incerta peregrinação. Realizando-a, desceram aquêle rio, até a foz, onde afinal encontraram pousada definitiva. Embora seja difícil precisar a data em que teve início mais êste deslocamento de indígenas da grei *tupi*, tudo parece indicar que monta a uma época pouco posterior a 1530, quando Duarte Coelho tomou posse da sua Capitania ( ).

Enfraquecidos pelas sucessivas derrotas que lhes infligiam os reinóis, na Guanabara, desmoralizados com a liquidação definitiva da França Antártica, que tanto sangue custara a êles e seus aliados gauleses, entraram êsses brasilienses em pânico.

Semelhante estado d'alma agravou-se sobremaneira logo a seguir, na gestão administrativa de Antônio de Salema. O Governador do Brasil meridional, auxiliado pelo Capitão-Mor de S. Vicente, lhes fêz acesa guerra, matando e escravizando a muitos e pondo fim às atividades clandestinas dos gauleses espalhados no litoral de Cabo Frio.

Vencidos e desesperados, os *Tamoio*, que, anos antes, ao tempo de Duarte da Costa (1553-1558), levantando-se em armas, desde Cabo Frio até Bertioga, haviam pôsto em polvorosa os colonos portuguêses e feito nêles grande mortandade, não têm agora outro pensamento que escapar à perseguição de seus terríveis inimigos.

Algumas hordas passaram às serras e procuram abrigo em chãos mineiros, refugiando-se nas matas da Mantiqueira, Vale do Paraíba e seus afluentes mineiros (47). Outras, porém, empreenderam viagem mais longa.

A êste movimento talvez se prenda a migração ocorrida em 1597, da qual Knivet pretende haver participado.

Da leitura da narrativa deixada pelo aventureiro inglês, concluem alguns que os *Tamoio*, saídos da região do Rio de Janeiro, teriam chegado ao Chile, depois de longa caminhada para o Oeste e travessia da província de Tucuman. Retrocedendo, alcançam, de torna-viagem, o costão atlântico, tendo antes percorrido o país dos *Cariyo* e lhes tomado várias cidades. Visitaram o país das Amazonas, dos Pigmeus, e contemplaram ainda muitas outras maravilhas do mesmo jaez.

---

(46) Pe. Cristoval de Acuná S. J., Novo descobrimento do grande rio das Amazonas. Trad. de C. de Melo Leitão. "Brasiliana". Vol. 203 — Rio, 1941, pág. 262.

(47) Nelson de Senna: "Corografia de Minas Gerais" in "Geografia do Brasil", vol. X, Rio de Janeiro, 1922.

Teodoro Sampaio, em trabalho escrito para o 1o. Congresso de História Nacional e publicado na Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Brasil, sob o título "Peregrinações de Antônio Knivet no Brasil no século XVI" (Tomo Esp., parte II, Rio de Janeiro, 1915), reduz a proporções bem modestas a dilatada e mirabolante viagem dos *Tamoio*, dando-lhe, com isso, cunho de maior verossimilhança.

Segundo êle, os *Tamoio*, partidos em perseguição dos *Tupiniquim*, seus vizinhos e inimigos, transpuseram a serra de Itapeva, de onde rumaram o Tieté. Atingido o morro de Araçoiaba, obliqüaram para o Sul, e onde, marinhando os contrafortes da serra de Paranapiacaba, que os separava do mar, chegaram por fim à embocadura do rio Ribeira do Iguape, onde se radicaram.

Remanescentes dos antigos *Tamoio*, os *Tapirape*, teriam, no entender de Silva e Sousa (48), saído dos sertões do Rio de Janeiro para as margens do Araguaia, em cujas terras viviam pacìficamente ainda em inícios do presente século (49). Esta migração, no pensar de Métraux, não seria de todo improvável, embora a ela se oponham certos fatos observados por Nordesnkiold. A apoiar o parecer de Métraux temos, com efeito, a palavra de Simão de Vasconcelos que, na sua "Crônica", informa que, realizada a conquista do Rio de Janeiro, em 1567, os *Tamoio* deram-se pressa em fugir "para o mais profundo das florestas", e assim bem poderiam ter chegado às margens do grande afluente do Tocantins.

Como quer que seja, os *Tapirape* parecem descender dos Tupi-guarani fugitivos; vindos do Sul, integravam, no parecer do Dr. Paulo Enrenreich, com os *Apiacá*, *Camayurá* e *Guajarara*, a segunda linha de hordas *tupis* saídas do primitivo centro de irradiação dêste povo em diretura do N.E.

Hordas tamoias, assegura, por sua vez, Diogo de Vasconcelos, teriam impelido das regiões do Paraíba, ocupando-lhes as terras, tribos humildes também, oriundas dos *tupis*, como os *Puri*, *Croato* e outras, que se haviam instalado no vale do rio Pomba.

Um grupo *Carijó* teria transposto a Mantiqueira e se instalado nos campos de Queluz e Congonhas. Enquanto isso, os *Tupiniki*, do Espírito Santo e Pôrto Seguro, fugindo à perseguição dos colonos, vingavam a serra e se deparavam com os *Botocudos*, senhores do Rio Doce. Já desmoralizados e sem fôrça para enfrentar com probabilidades de êxito êsses novos adversários, correm além e se estabelecem no rio das Velhas.

---

(48) Silva e Sousa (Luís Antônio) — "Memória sôbre o descobrimento, govêrno, população e causas mais notáveis da Capitania de Goiás". Rev. Trim., Vol. 12, Rio de Janeiro, 1849. Apud Métraux.

(49) A. Métraux. Op. cit., pág. 26.

Os *Aimoré*, logo depois da ocupação do litoral de Pôrto Seguro e dos Ilhéus, não tendo a contê-los a pressão dos *Tupi* enfraquecidos por anos de luta contra os portuguêses, desceram em grandes bandos dos sertões para acometer perigosamente os colonos e índios domésticos, a quem votavam particular aversão.

Não puderam, porém, resistir às fôrças disciplinadas e coesas de Mem de Sá, que os acometeu e desbaratou, atirando-os novamente para as terras de onde eram originários.

Separados em pequenas hordas, degradaram-se, e dêles fala a crônica, nos têrmos seguintes: "Por ocasião das guerras, que houve entre êles, sucedeu que certos bandos, fugindo a seus inimigos, se recolheram ao interior do sertão, a lugares fragosos e montanhas estéreis, onde não pudessem ser achados, e como ali viviam separados do comércio de tôda gente, por decurso de tempo vieram seus filhos e netos a perder a notícia da própria linguagem."

x X x

No Nordeste, o movimento migratório de curto ou longo percurso empreendido pelos gentios exacerbou-se depois da derrota definitiva dos invasores batavos.

Vendo-se desamparados, — pois dêles não cuidavam os têrmos da capitulação da Campina de Taborda nem o definitivo tratado de paz concertado entre os beligerantes (50), e temendo, com sobradas razões, represálias que sabiam cruéis —, os brasilienses, aliados dos holandeses, empreenderam a retirada em direção ao Ceará.

Animava-os a esperança um tanto romanesca de fundar em terras desta capitania um Estado índio por inteiro, liberto das influências européias (51).

A carta de Matias Beck, escrita de Barbados aos Supremos dirigentes da Companhia, é sobremaneira instrutiva no tocante ao modo de proceder dos indígenas foragidos de Pernambuco.

Ouçamo-la;

(50) Não se pode entender, como tal, o vago parágrafo que diz: "Também serão compreendidas neste acôrdo tôdas as nações de qualquer qualidade, ou religião que sejam, que tôdas perdoa, pôsto que hajão sido rebeldes à coroa de Portugal; e mesmo concede, no que pode, a todos os judeus que estão no Arrecife e Cidade Maurícia".

(51) Ver Carlos Studart Filho: "Notas históricas sôbre os indígenas cearenses". Tomo XLV. Ano XLV, Fortaleza, 1931.

À Siara, entouré d'une population sauvage, barbare et dangereuse, tant Bresiliens que Tabouyas, et aprés avoir reussi enfin à venir au point de voir la probabilité d'un bon et avantageux résultat, voilá que je réçois la plus déplorable des nouvelles. Les Brésiliens qui s'etaient enfuis te retirés de Pernambuco, plus de quatre mille âmes qui venaient de Tamarica, Parahiba et Rio-Grande par terre se refugier à Siara, dirent ouvertement que tout le Brésil venait d'être honteusement perdu et livré pour ainsi dire sans résistance aux Portuguais; ils ne firent que jurer et tonner cóntre les Allemands, qu'ils avaient si fidèlement servi et aidé pendant un grand nombre d'anées, et que maintenant sans régarder l'ennemi en face venaient d'abandonner Tamarica, avec toutes les forteresses, Parahiba et Rio-Grande de sorte qu'eux, ils n'avaient en perspective à présent que de tomber en définitif dans les mains des Portuguais pour subir un ésclavage perpétuel. Ils etaient si exasperés qu'ils envoyèrent des avants-coureurs aux Brésiliens de Siara avec ordre de massacrer les Allemands en Siara partout ou l'on pourrait en trouver, et n'accorder la vie à personne d'eux. Une fois maitre à eux seuls de Siara, ils ne permettarient ni aux Portuguais ni aux Allemands de s'y nicher jamais plus, et ils proposaient de faire de Siara n'étant que sobrement pourvu, et nos moyens de subsistance consistant principalement dans la récolte prochaine et de productions nouvellement plantées, nos soldats jouissaient, à cause du demument de notre magasin, de beaucoup de liberté pour aller dehors à la pêche et à la chasse; d'autres se trouvaient dehors pour garder et planter les roças: un grand nombre de ces malheureux est tombé victime des Brésiliens qui à la réception de l'ordre si-dessus mentionné ont massacré de sang-froid tous ceux qu'ils atraper dehors. Quant à moi-même me trouvant dehors de temps en temps ainsi que le major Garsman, pour metre ordre à nous cultures, nous n'avons échappé à leur mains meurtrières que par miracle, de même que d'autres personnes libres demeurant hors de notre forteresse. Les Brésiliens en s'emparant sur le platplays de tous nos róças, fruits de la terre, Négre et de Tous nos biens fonds et biens meubles, nous tenaient tellement bloqués dans notre forteresse que nous serions tombés innévitablement dans leurs mains meurtrières, à cause de famine, s'il n'eut plu à Dieu le seigneur de nous sauver miséricordieusement, car j'avais fait une bonne partie de mes chevaux, vaches, cochons et autre bétail en lieu sur, tout près de la forteresse et sous la protection de nos canons; et ensuite je les ai fait tuer tous por nous servir de nourriture, ce qui nous a conservé la vie jusqu'au moment ou par la providence et la gràce de Dieu une barque neuve de la compagnie, que j'avais fait construire à Siara moi-même et qui antérieurement à l'événement susdit.

x X x

Nhandoi e sua gente, que tanto haviam auxiliado o invasor, tomados de mêdo, embrenham-se precipitadamente pelo sertão, recolhendo-se aos seus antigos domínios territoriais.

Volvidos ao coração do Nordeste Oriental, só daí sairiam, anos mais tarde, para marchar contra os colonizadores luso-brasileiros, seus inimigos tradicionais.

(CONTINUA)